



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

JUVANETE FERREIRA ALVES BRITO

**O OBJETO DIRETO (ANA)FÓRICO NO FALAR RURAL
BAIANO: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JUVANETE FERREIRA ALVES BRITO

**O OBJETO DIRETO (ANA)FÓRICO NO FALAR RURAL
BAIANO: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Linguística
Teórica e Descritiva
LINHA DE PESQUISA: Estudo da Variação e
Mudança Linguística
ORIENTADORA: Profa. Dra. Jânia Martins Ramos

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Jânia Martins Ramos – FALE/UFMG – Orientadora

Profª. Dra. Maria do Carmo Viegas – FALE/UFMG

Profª. Dra. Marilza de Oliveira – FFLCH/USP

Profª. Dra. Evelyne Jeanne A. A. M. Dogliani – FALE/UFMG – Suplente

Belo Horizonte, abril de 2010

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – 31270-901 – Brasil – tel.: (31) 3409-5492

À minha mãe, *Marilene Ferreira Alves*, mulher batalhadora, que apesar de não ter tido oportunidade de estudar, nunca poupou esforços para que eu pudesse continuar crescendo.

AGRADECIMENTOS

Em especial, a **DEUS**, pela sua Fidelidade, pelo Amor, pelo cuidado e, principalmente, por esta grande vitória que me concedeu. Serei ETERNAMENTE GRATA!

A **JESUS**, Salvador e intercessor, pela ajuda nos momentos difíceis, pela companhia, pela presença constante, pelas vitórias, pelos livramentos dados durante a minha jornada na terra.

Ao **ESPÍRITO SANTO**, pelo consolo, pela presença constante nos momentos alegres e tristes.

À minha orientadora, Profa. Dra. Jânia Ramos, pela compreensão que demonstrou nos momentos difíceis, pelo acompanhamento, pela oportunidade de aprender mais, pelas palavras de apoio, meu MUITO OBRIAGADA!

Ao meu esposo, Hamilton Brito, pelo apoio, pela ajuda nos momentos mais difíceis que passei durante os dois anos de curso e, principalmente, por ter cuidado de Raquel, nossa filha, enquanto eu estudava.

À minha mãe, Marilene F. Alves, que me ensinou que a educação pode transformar vidas, pelas orações, pelas palavras de apoio.

À minha irmã Rosana F. Alves pelo incentivo, pelas palavras de encorajamento nos momentos difíceis.

À Direção e Professores do Departamento de Ciências Humanas e Letras - DCHL, em especial da Área de Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, por ter-me liberado das atividades para realização do curso.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pela concessão da Ajuda de Custo durante o ano de 2009.

Às minhas irmãs, Zenildes Alves, Renilza Alves e Mara Alves pelo apoio dispensado, cada uma à sua maneira.

Às Professoras Norma Almeida e Zenaide Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana, por terem me cedido a amostra de fala de Piabas, pelo apoio.

À Profa. Dra. Ilza Ribeiro, com quem muito aprendi, pelo incentivo e apoio desde a Graduação.

À Joana Lima e Lírian Martini, por terem me hospedado quando vim da Bahia para realizar a seleção, pela amizade e carinho.

À Vitória Silva, pelas palavras de apoio, pela amizade.

Aos funcionários do DCHL (UESB/Jequié-BA), por todo apoio dispensado.

Aos colegas do POSLIN/FALE/UFMG, Maria José Oliveira, Elizete Souza, Paula Soares Maia, Alice Mota, Christiane Miranda, Isadora Barcelos, Ricardo Machado, Elaine Chaves, Emiliana Ladeira, Laura Lobato, pelos momentos agradáveis que compartilhamos durante as aulas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - POSLIN da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, pela oportunidade de realização do curso.

À Coordenação e funcionários do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, pelo apoio, pela gentileza com que sempre me atenderam.

Aos meus professores do POSLIN, Prof. Lorenzo Vitral, Profa. Maria do Carmo Viegas, Profa. Márcia Cançado, Prof. José Olímpio Magalhães, Prof. Fábio Duarte, pelas aulas enriquecedoras.

Às irmãs e irmãos em Cristo, que oraram e vibraram com minha vitória.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, MUITO OBRIGADA! Que DEUS recompense a todos!

AMOR

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como metal que soa, ou como o sino que tine.

Ainda que eu tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para o sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

O amor é paciente, é benígnO. O amor não inveja, não se vangloria, não se ensoberbece (...)

O amor nunca falha. Mas havendo profecias, cessarão; havendo línguas, desaparecerão; havendo ciência passará.

I Coríntios 13: 1-4 e 8

ALVES BRITO, Juvanete Ferreira. O objeto direto (ana)fórico no falar rural baiano: um estudo sociolinguístico. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

RESUMO

Esta dissertação analisa as estratégias de realização do objeto direto (ana)fórico nas três pessoas gramaticais em uma amostra de fala da comunidade rural de Piabas (Caém/BA), sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada de Sociolinguística Quantitativa. Objetiva-se, a partir desse estudo, identificar e analisar os fatores internos e externos que condicionam a realização do objeto direto (ana)fórico e comparar os resultados encontrados na fala de moradores do Povoado de Piabas com os resultados de estudos realizados a partir de *corpora* de fala de outras regiões do Brasil. Buscou-se investigar a correlação entre o nível de escolaridade e o uso de clíticos, pois o letramento tem sido apontado como responsável pela ocorrência de clíticos na fala dos brasileiros. Utilizou-se uma amostra, coletada e transcrita no âmbito do Projeto *A Língua Portuguesa Falada no Semi-Árido Baiano*, constituída por 12 informantes analfabetos e semi-analfabetos, distribuídos em três faixas etárias: Faixa I (20-30 anos), Faixa II (40-60 anos) e Faixa III (mais de 70 anos). Baseou-se na hipótese de o objeto nulo ser a variante mais produtiva para objeto direto anafórico de 3^a pessoa e o pronome lexical ser a segunda variante preferida uma vez que a amostra é formada por informantes analfabetos ou semi-analfabetos.

Palavras-chave: Objeto direto (ana)fórico. Língua falada. Comunidade rural. Variação linguística. Português Brasileiro.

ALVES BRITO, Juvanete Ferreira. (Ana)phoric direct object in the rural speech of Bahia: a sociolinguistic approach. Master thesis. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

ABSTRACT

This thesis analyzes the strategies involved in the instantiation of (ana)phoric direct object in three grammatical persons in a speech sample from people living at the rural community of Piabas (Caém/ Bahia) under the Theory of Language Change and Variation, also known as Quantitative Sociolinguistics. The objectives of this study were to identify and analyze internal and external factors that may condition the instantiation of (ana)phoric direct object and also to compare the results with other corpora studies from different Brazilian regions. The investigation tried to establish the correlation between schooling and clitics production, since schooling is thought to be responsible for the occurrence of clitics in the speech of Brazilian people. The sample used for analysis was recorded and transcribed as part of the *Língua Portuguesa Falada no Semi-Árido Baiano* project. The sample consisted of 12 illiterate and semiliterate subjects, divided into three age groups: group I (20-30 years), group II (40-60 years) and group III (70 or older). We hypothesize that the null object is the most productive variant for the third person (ana)phoric direct object and the lexical pronoun is the second preferred variant since the sample consisted of illiterate and semiliterate subjects.

Keywords: (Ana)phoric direct object. Oral language. Rural community. Language variation. Brazilian Portuguese.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa segundo a escolaridade na amostra de São Paulo (%)	23
Tabela 2 - Distribuição de posições “nulas” vs. “preenchidas” nos dados de Cyrino (1994) (%)	26
Tabela 3 - Distribuição das variantes conforme a realização do OD(SN) na amostra de cinco capitais (%)	33
Tabela 4 - Dados do município de Caém/BA segundo Censo Demográfico. Brasil, IBGE, 2000	48
Tabela 5 - Distribuição das formas de representação do objeto direto de 1ª pessoa na amostra de Piabas	53
Tabela 6 - Distribuição das formas de representação do objeto direto de 2ª pessoa na amostra de Piabas	56
Tabela 7 - Distribuição dos dados na amostra de Piabas	65
Tabela 8 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa na amostra de Piabas	66
Tabela 9 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa na amostra de Piabas (%)	66
Tabela 10 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme o número na amostra de Piabas (%)	67
Tabela 11 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme a forma verbal na amostra de Piabas (%)	70
Tabela 12 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme o tipo de oração na amostra de Piabas (%)	70
Tabela 13 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme a presença/ausência do sujeito na amostra de Piabas (%)	71
Tabela 14 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa em relação à faixa etária do informante na amostra de Piabas (%)	71
Tabela 15 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme o gênero do informante na amostra de Piabas (%)	72

Tabela 16 - Distribuição das variantes de 2ª pessoa na amostra de Piabas (%)	72
Tabela 17 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa na amostra de Piabas (%)	75
Tabela 18 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação ao tipo de oração em Piabas (%)	78
Tabela 19 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação ao traço semântico do antecedente do objeto em Piabas (%)	80
Tabela 20 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação à faixa etária do informante em Piabas (%)	82
Tabela 21 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação à “ <i>presença do objeto</i> ” x “ <i>objeto nulo</i> ” em Piabas (%)	85
Tabela 22 - Distribuição das variantes ‘ <i>presença do objeto</i> ’ x ‘ <i>objeto nulo</i> ’ de 3ª pessoa em relação ao tipo de oração em Piabas	86
Tabela 23 - Distribuição das variantes ‘ <i>presença do objeto</i> ’ x ‘ <i>objeto nulo</i> ’ de 3ª pessoa em relação à faixa etária do informante em Piabas	88
Tabela 24 - Distribuição do objeto direto de 1ª pessoa em amostras de língua falada (%)	93
Tabela 25 - Distribuição do objeto direto de 2ª pessoa em amostras de língua falada (%)	93
Tabela 26 - Distribuição das variantes de objeto direto de 3ª pessoa em variedades do PB falado (%)	95
Tabela 27 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação ao traço semântico [+animado] do objeto em Piabas (%)	97
Tabela 28 - Distribuição das variantes de objeto direto 3ª pessoa na fala de analfabetos e de ensino fundamental segundo o traço [+animado] do antecedente	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência das variantes de 3ª pessoa segundo a escolaridade na amostra de São Paulo	23
Gráfico 2 - Frequência das variantes de 3ª pessoa segundo a faixa etária na amostra de São Paulo	24
Gráfico 3 - Frequência das variantes de 3ª pessoa segundo a faixa etária na amostra de Mata Grande/AL	30
Gráfico 4 - Frequência das variantes de 3ª pessoa segundo a escolaridade na amostra de Mata Grande/AL	31
Gráfico 5 - Frequência das variantes de 1ª pessoa conforme o número na amostra de Piabas	69
Gráfico 6 - Frequência das variantes de 2ª pessoa conforme o número na amostra de Piabas	74
Gráfico 7 - Frequência das variantes de 3ª pessoa na amostra de Piabas	76
Gráfico 8 - Frequência das variantes de 3ª pessoa em relação ao tipo de oração em Piabas	79
Gráfico 9 - Frequência das variantes de 3ª pessoa em relação ao traço semântico do antecedente em Piabas	80
Gráfico 10 - Frequência das variantes de 3ª pessoa em relação à faixa etária do informante em Piabas	83
Gráfico 11 - Pesos relativos das variantes ' <i>presença do objeto</i> ' x ' <i>objeto nulo</i> ' de 3ª pessoa em relação ao tipo de oração em Piabas	87
Gráfico 12 - Peso relativo da variante ' <i>presença do objeto</i> ' de 3ª pessoa em relação à faixa etária do informante em Piabas	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Cf.	Conferir
GT	Gramática Tradicional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LUAL	Língua Usada em Alagoas
Nº./ Total	Número / Total
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
NURC	Norma Culta Urbana
OD	Objeto Direto
PB	Português Brasileiro
P. R.	Peso Relativo
SNs	Sintagmas Nominais
VARBRUL	<i>Variables Rules</i> (Regras variáveis)
VAR SUL	Varição Linguística Urbana na Região Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - O OBJETO DIRETO (ANA)FÓRICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	20
Introdução	20
1.1 O objeto direto de 3ª pessoa	21
1.1.1 Duarte (1986)	21
1.1.2 Cyrino (1994)	25
1.1.3 Silva (2004)	27
1.1.4 Mendonça (2004)	29
1.1.5 Arruda (2006)	32
1.1.6 Neiva (2007)	35
1.2 O objeto direto de 1ª e 2ª pessoas	38
1.2.1 Arruda (2006)	38
1.2.2 Dalto (2002)	39
1.3 Conclusões	40
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA	42
Introdução	42
2.1 Pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística	42
2.2 Objetivos da pesquisa	46
2.3 Metodologia	46
2.3.1 Constituição da amostra	46
2.3.2 Breve descrição da cidade de Caém/BA	47
2.4 Critérios utilizados para seleção dos dados	49
2.5 Hipóteses que orientam a análise	50
2.6 Variáveis analisadas na pesquisa	51
2.6.1 O objeto direto de 1ª e 2ª pessoas	51

2.6.1.1 Variável dependente	51
2.6.1.1.1 O objeto direto de 1ª pessoa	51
2.6.1.1.1.1 Formas de representação do objeto direto de 1ª pessoa em Piabas	53
2.6.1.1.2 O objeto direto de 2ª pessoa	54
2.6.1.1.2.1 Formas de representação do objeto direto de 2ª pessoa em Piabas	56
2.6.1.2 Variáveis independentes	57
2.6.1.2.1 Fatores internos	57
2.6.1.2.2 Fatores externos	58
2.6.2 O objeto direto de 3ª pessoa	58
2.6.2.1 Variável dependente	58
2.6.2.2 Variáveis independentes	59
2.6.2.2.1 Os fatores internos (linguísticos)	59
2.6.2.2.2 Fatores externos	62
2.7 Programa de regras de variáveis utilizado	62

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS65

Introdução65

3.1 Variável eneária66

3.1.1 Análise e discussão dos resultados de 1ª pessoa66

3.1.2 Análise e discussão dos resultados de 2ª pessoa72

3.1.3 Análise e discussão dos resultados de 3ª pessoa75

3.1.2.1 Tipo de oração77

3.1.2.2 Traço semântico do antecedente79

3.1.2.3 Faixa etária81

3.2 Variável binária84

3.2.1 As variáveis independentes84

3.2.1.1 Seleção das variáveis significativas84

3.2.1.2 Análise dos grupos de fatores internos (linguísticos)	85
3.2.1.2.1 Tipo de oração	85
3.2.1.3 Análise dos fatores externos	88
3.2.1.3.1 Faixa etária	88
3.3 Conclusões	90
CAPÍTULO 4 – COMPARANDO RESULTADOS	92
Introdução	92
4.1 Os objetos diretos de primeira e segunda pessoas	92
4.2 Os anafóricos de terceira pessoa	94
4.2.1 O pronome lexical	95
4.2.2 A variante SN	96
4.2.3 O clítico	96
4.3 As variantes em posição objeto e o traço animacidade	97
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A – Ocorrências de objeto direto de 1^a e 2^a pessoa levantadas na amostra de Piabas	108
APÊNDICE B - Ocorrências de objeto direto anafórico de 3^a pessoa levantadas na amostra de Piabas	111

INTRODUÇÃO

A realização do objeto direto de primeira, segunda e terceira pessoas no Português Brasileiro falado não ocorre somente por meio de clíticos pronominais, conforme prescreve a maior parte dos manuais de Gramática Tradicional. Estudos realizados em diversas localidades do Brasil revelam que, para a realização do objeto direto de primeira pessoa e segunda pessoa, os falantes empregam o clítico, o pronome lexical e objeto nulo, enquanto que a terceira pessoa pode ser realizada por clítico, pronome lexical, sintagmas nominais e objeto nulo. Os resultados desses estudos apontam que a variação na realização do objeto direto no PB não é aleatória, e, sim condicionada por fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos).

Os estudos realizados sobre esse tema, na sua maioria, baseiam-se em *corpora* de fala de grandes centros urbanos. *Corpora* representativos de pequenos municípios do Brasil e áreas rurais, principalmente aqueles localizados na região semi-árida do Nordeste, têm recebido menos atenção. Acredita-se que o estudo desse fenômeno em *corpora* de fala de comunidades rurais, afastadas de grandes centros, poderá contribuir para uma melhor avaliação da força dos fatores condicionadores das formas variantes de realização do objeto direto no PB, por representarem comunidades menores, mais conservadoras e por exibirem taxas de analfabetismo maiores que a média nacional. Esse último aspecto é relevante na medida em que o uso de uma das variantes em posição objeto tem sido atribuído à instrução escolar.

Esta pesquisa se propõe a investigar a realização do objeto direto anafórico de primeira, segunda e terceira pessoas em uma amostra de fala de moradores da comunidade rural de Piabas (Caém/BA), localizada no semi-árido baiano, visando a verificar os fatores internos e externos condicionadores das variantes.

Adota-se a perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov 1972, 1982, 1994, 2001), também denominada de Sociolinguística Quantitativa para desenvolvimento dessa pesquisa.

No primeiro capítulo, denominado *O objeto direto anafórico no português brasileiro*, apresenta-se o resumo de alguns trabalhos que investigaram a realização do objeto direto no PB falado sob a perspectiva sincrônica e, ainda, a resenha de um estudo desenvolvido sob a perspectiva diacrônica a partir de textos escritos.

O capítulo 2, intitulado *Fundamentação teórica e metodológica*, é dedicado à apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos empregados na dissertação. Abordam-se ainda aspectos relacionados à constituição da amostra de fala e, descreve-se sobre a realidade sócio-econômica do município de Caém, do qual o Povoado de Piabas faz parte. Ainda nesse capítulo, encontra-se a apresentação da metodologia empregada para sistematização, codificação e quantificação dos dados levantados no corpus. Em relação à delimitação do objeto de estudo, definem-se a variável dependente, as variáveis independentes e as variantes e, apresentam-se os critérios utilizados na seleção dos dados na amostra e comentam-se aspectos relacionados ao programa de regras estatísticas utilizado para quantificação dos dados.

No capítulo 3, denominado *Análise e discussão dos resultados*, apresentam-se os resultados e faz-se a análise dos fatores relevantes na escolha das variantes selecionados pelo programa GOLDVARB. Apresentam-se os resultados em tabelas e gráficos visando a uma melhor compreensão do comportamento do fenômeno variável.

No capítulo 4, intitulado *Comparando resultados*, estabelece-se a comparação dos resultados de Piabas com os de estudos realizados em outras localidades do Brasil, a fim de verificar se os falantes de Piabas apresentam um comportamento linguístico

semelhante. Discute-se a força do fator externo escolaridade na realização do OD anafórico nas três pessoas gramaticais. Por último, aborda-se a influência do traço animacidade no emprego das variantes em posição objeto.

A seguir, apresenta-se uma conclusão, na qual estão apresentadas as informações mais relevantes relacionadas aos resultados obtidos a partir da análise da variação na realização do OD anafórico em Piabas e da comparação com resultados de outras localidades.

Por fim, apresentam-se as referências consultadas para realização da pesquisa e durante a elaboração dessa Dissertação.

CAPÍTULO 1 - O OBJETO DIRETO (ANA)FÓRICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Introdução

A realização do objeto direto (doravante OD) no Português Brasileiro (doravante PB), de acordo com o prescrito pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), realiza-se por meio de pronomes átonos (cf. (1a)) *me, te, o/a(s), se, nos, vos* (cf. Bechara, 2000, p.164). No entanto, em relação à 3ª. pessoa, diversos estudos realizados com *corpora* orais e escritos do PB têm revelado que os falantes empregam também outras formas: pronome lexical (cf. (1b)), SNs anafóricos (cf. (1c)) e, objeto nulo (cf. (1d)). Sendo assim, em resposta à pergunta (1), qualquer uma das quatro sentenças (1a-d) pode ser dada como resposta:

(01) Você encontrou Davi ontem?

- a. Eu o encontrei. (Clítico acusativo)
- b. Eu encontrei ele. (Pronome lexical)
- c. Eu encontrei Davi ontem. (SN anafórico)
- d. Eu ___ encontrei. (Objeto nulo)

As alternativas (a-d) têm sido tomadas como variantes linguísticas.

Em relação à 1ª e 2ª pessoas também se pode observar variação. Entretanto, as variantes são sempre exofóricas, mas nem sempre anafóricas, diferentemente do que ocorre com a 3ª pessoa, que são sempre anafóricas. Trabalhos sobre 1ª e 2ª pessoas são

poucos, conforme veremos na seção 1.2, neste capítulo. Tendo em vista tais especificidades, trataremos nesta dissertação separadamente a 1ª, 2ª, e 3ª pessoas.

1.1 O objeto direto de 3ª. pessoa

Nesta seção serão resenhados trabalhos que adotaram o enfoque variacionista e um trabalho desenvolvido sob a perspectiva gerativista, de modo a fornecer um cenário no qual vamos inserir os resultados obtidos por nós ao analisarmos nossa amostra.

A realização do objeto direto anafórico de 3ª pessoa no português brasileiro tem sido tema de diversos estudos. Conforme veremos a seguir, os fatores internos e externos testados são semelhantes e os resultados têm apresentado poucas diferenças em relação às áreas geográficas. Para tornar mais claros estes resultados, agruparemos as resenhas em duas classes: (a) grandes centros e (b) pequenos centros.

1.1.1 Duarte (1986)

A autora analisa a realização do objeto direto anafórico de 3ª. pessoa em uma amostra formada por um *corpus* oral - constituído da fala natural, entrevistas e episódios de novelas - e um *corpus* escrito - formado por textos de alunos do ensino médio - da década de oitenta do português da cidade de São Paulo. Aqui vamos nos ater ao *corpus* de entrevistas, para posterior comparação com a nossa amostra.

Na amostra analisada por Duarte, foram identificadas quatro variantes: objeto nulo¹ (62,6%), outras² (17,1%), pronomes lexicais (15,4%), clíticos acusativos (4,9%).

¹ Embora Duarte (1986) empregue o termo *categoria vazia* [SNe], optamos por utilizar o termo *objeto nulo* porque é mais empregado nos trabalhos atuais.

Como quantitativamente significativos foram selecionados três fatores internos: forma verbal, estrutura sintática da frase e traço semântico do antecedente e dois fatores sociais: escolaridade e faixa etária.

Em relação aos clíticos³, o fator interno favorecedor desta variante foi o traço semântico do objeto é [+ animado], com (78,4%). Segundo a autora, o uso do clítico pré e pós-verbal limita-se a formas já cristalizadas no português, (eu o vi, eu o conheci, fui ao aeroporto buscá-lo), não havendo dúvidas de que é a forma verbal o fator que sustenta suas esporádicas ocorrências (Duarte, p. 23).

Em relação aos pronomes lexicais⁴, o fator favorecedor é o traço semântico do objeto é [+ animado] (92,4%) e pela estrutura sintática OD (SN) + S (71,9%), como em [*eu deixei [ele sair]*].

Em relação aos SNs⁵, o principal fator favorecedor foi o traço [-animado] do objeto (70,7%).

Em relação ao objeto nulo⁶, a autora destaca que essa variante é também favorecida pelo traço [-animado] do antecedente (76,3%), independentemente da estrutura, exceto a aquela composta por OD(SN)+S.

Quanto ao fator social nível de escolaridade, Duarte constatou que cresce o uso do clítico proporcionalmente à escolaridade dos informantes, enquanto decresce o uso do pronome lexical, respectivamente (23,5%), (21%), (21,6%) e (9,8%). Ressalta que o objeto nulo supera as demais variantes em todos os níveis de escolaridade, (23,5 > 18,8) particularmente no grupo com ensino superior (65,0%).

² A autora considera como “*outras*” a realização do objeto através de SNs lexicais, SNs lexicais com determinante modificado e uso pronome demonstrativo *isso*.

³ Cf. Tabela 2.7 (Duarte, 1986, p. 28)

⁴ Cf. Tabelas 2.6 e 2.7 (Duarte, 1986, p. 28)

⁵ Cf. Tabelas 2.6 e 2.7 (Duarte, 1986, p. 28)

⁶ Cf. Tabelas 2.6 e 2.7 (Duarte, 1986, p.28)

	Objeto nulo	Pronome lexical	SNs	Clítico
Nível de escolaridade	%	%	%	%
Fundamental (jovens 15-17 anos)	65,8	23,5	10,7	0
Fundamental	63,9	21,0	11,7	3,4
Médio	60,7	21,6	14,1	3,6
Superior	65,0	9,8	18,8	6,4

Tabela 1 - Distribuição das variantes de 3ª. pessoa segundo a escolaridade na amostra de **São Paulo** (%) (cf. Duarte (1986, p. 39))

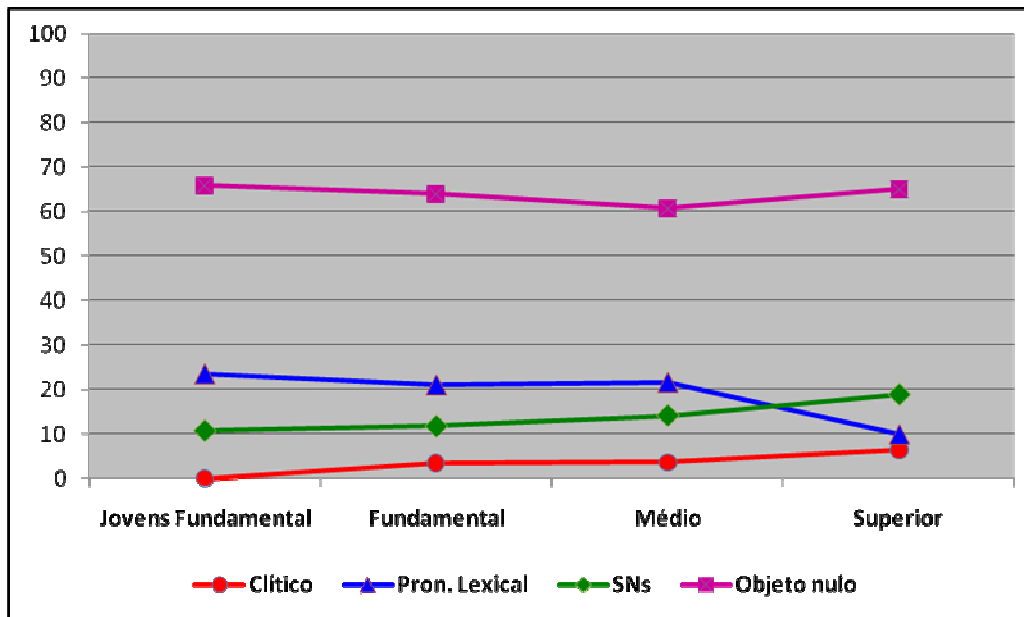


Gráfico 1 - Frequência das variantes de 3ª. pessoa segundo a escolaridade na amostra de São Paulo (Adaptado de Duarte (1986, p. 39)).

O gráfico abaixo mostra a distribuição das variantes segundo a faixa etária nos dados de São Paulo.

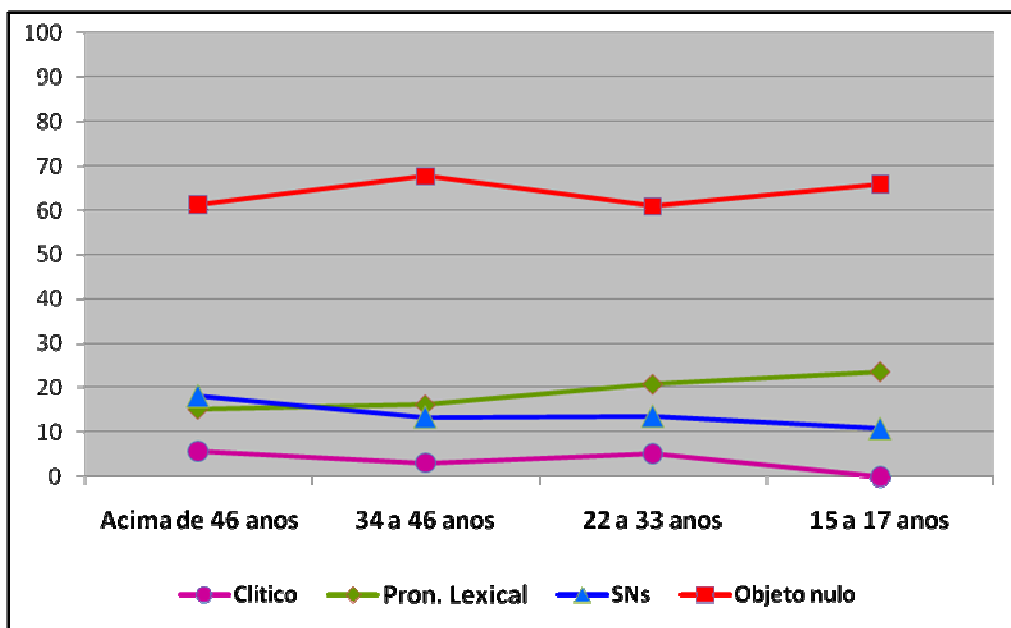


Gráfico 2 - Frequência das variantes de 3ª. pessoa segundo a faixa etária na amostra de São Paulo (Adaptado de Duarte (1986, p. 39))

A análise do fator social faixa etária do informante revelou, segundo a autora, que o clítico se acha ausente da fala dos jovens, sendo esses os que favorecem o uso do pronome lexical (23,5%) em relação aos outros grupos. A autora constatou que os informantes com nível superior e, pertencentes à faixa etária mais alta são os que mais favorecem o uso do clítico em detrimento do uso do pronome lexical. Isso fica claro no gráfico 2. Duarte concluiu que o clítico é uma forma absolutamente ignorada pelos informantes mais jovens e com nível de escolaridade mais baixo. E acrescenta

os resultados levam-nos à constatação de que é a escola o elemento que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico e este fator, associado à idade, é relevante na utilização desta variante. Mas fica também claro que, mesmo habilitado a usá-la, o falante o faz de modo 'parcimonioso', buscando formas

substitutivas convenientes, como é o caso de [SNe]⁷ e repetições de SNs. (Duarte, 1986, p.43)

Para Duarte, o uso do objeto nulo é uma estratégia que o falante emprega para evitar o pronome lexical, considerado de baixo prestígio, e o clítico, para não ser muito “formal”.

Em relação a este estudo, interessam-nos particularmente três correlações: A primeira é que o clítico *é uma forma absolutamente ignorada pelos informantes mais velhos com nível de escolaridade mais baixo bem como pelos jovens* (p. 37). A segunda correlação é que o *pronome lexical é favorecido quando o traço semântico do objeto é [+ animado], (92,4%)*. A terceira é que *a variante que compete com o objeto nulo é o SN lexical e não o clítico*, pelo menos no momento atual da história da língua. Dito isso, passemos à próxima resenha.

1.1.2 Cyrino (1994)

Cyrino (1994) analisa uma amostra formada por textos dos séculos XVI ao século XX. Nesta amostra foram identificadas duas variantes: objeto nulo e objeto pleno acusativos de 3ª pessoa. Sob o rótulo ‘objeto pleno’ encontram-se incluídas a variante clítico e pronome tônico.

Os resultados da pesquisa diacrônica revelam que há um decréscimo de objetos preenchidos com o passar dos séculos, conforme a Tabela 2 apresentada abaixo:

⁷ Objeto nulo.

	NULAS	PREENCHIDAS
Século	%	%
XVI	10.7	89.3
XVII	12.6	87.4
XVIII	18.5	81.5
XIX	45.0	55.0
XX	79.1	20.9

Tabela 2 - Distribuição de posições “nulas” vs. “preenchidas” nos dados de Cyrino (1994) (%)
(Adaptada de Cyrino (1994, p.169))

A autora concebe o objeto nulo no Português Brasileiro como elipse em Forma Fonética (FF) e reconstrução em Forma Lógica (FL). A elipse pode ocorrer ou não nas estruturas de reconstrução. No caso do objeto nulo, tem-se a inaudibilidade de uma estrutura presente em FL (Cyrino 1994, 1997, apud Cyrino 2003). Segundo a autora, reconstrução *é uma possibilidade que as línguas podem ter para não repetir o que já foi dito* (Cyrino, 2003).

Com antecedentes [+animados], a autora reconhece que *a preferência é o uso do pronome pleno* e acrescenta que

[...] para antecedentes animados, a preferência é o uso do pronome pleno, o qual começou a ocorrer nos dados ao mesmo tempo em que os clíticos começaram a desaparecer. Esses pronomes plenos, então, parecem substituir o clítico, onde a reconstrução não é possível. (Cyrino, 1994, p.149)

Observa-se aqui algo bastante curioso: o registro de um momento em que (re)nasce o uso do pronome pleno em posição de objeto, mais exatamente na segunda metade do século XX (cf. Cyrino 2003). Outra revelação é a datação do período em que há competição entre clíticos e pronomes plenos. É também importante a confirmação de

algo verificado a partir do gráfico 1 (p. 23, dados de Duarte): competição entre objeto nulo e pronome pleno no momento atual.

Quanto ao tipo de contexto lingüístico em que os pronomes plenos ocorrem, a autora identifica-os como *aqueles em que a reconstrução não é possível* (p.149).

Tal como no estudo anterior, o traço [animacidade] desempenha um papel importante no tipo de realização do objeto anafórico. No século XX, se o traço é [-animado], o objeto nulo é preferido (86.5%) com antecedentes NP [+específico, -animado] e, (93.1%) com antecedentes NP [-específico, -animado], mas se o traço é [+animado] a competição continua (cf. Cyrino, 1994, p. 172 e 174).

Interessa-nos, particularmente aqui, as conclusões de que (i) o traço [+animado] é favorecedor do preenchimento da posição objeto e que (ii) o competidor do objeto nulo é o pronome pleno.

1.1.3 Silva (2004)

Silva (2004) analisou as realizações de objeto direto anafórico de 3ª. pessoa em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas⁸: Helvécia, localizada no extremo sul da Bahia; Rio de Contas, na Chapada Diamantina; Cinzento, no Sudoeste da Bahia; e Sapé, no Recôncavo Baiano. Ela utilizou o *Corpus Base do Dialeto Rural Afro-Brasileiro*⁹.

⁸ Segundo a autora, as comunidades selecionadas compartilham as seguintes características: composta, essencialmente, por afro-descendentes; mantêm em relativo isolamento, preservam antigos hábitos lingüísticos; tem origem antigos quilombos ou se formaram logo após a libertação dos escravos.

⁹ O corpus faz parte do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*, vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Nesta amostra foram identificadas apenas três variantes: pronome lexical (12%); SNs (16%) e objeto nulo¹⁰ (72%). A variante clítico não foi encontrada. Na análise e discussão dos fatores internos e sociais condicionadores das variantes, a autora desconsiderou os resultados dos SNs anafóricos, justificando que essa variante *é uma estratégia disponível em todas as línguas para retomar uma referência já feita no discurso, não sendo, portanto, um elemento identificador do PB* (p. 13).

Os fatores significativos foram sete internos e dois externos: animacidade, paralelismo discursivo, tipo de construção sintática, referencialidade do objeto direto anafórico, presença/ausência do sujeito, forma verbal, posição da ocorrência em relação ao antecedente; além de gênero do informante e comunidade. O fator escolaridade não foi testado, pois os informantes são analfabetos e semi-analfabetos.

Em relação ao pronome lexical, a autora constatou que essa variante é favorecida pelo traço [+animado] (.80), pela estrutura sintática OD(SN) +S (.74) e, quanto ao fator interno referencialidade do objeto direto, pelo traço [+ específico/ +referencial], com (.65). Essa variante também foi favorecida quando o verbo está no tempo presente (.61) e, foi levemente condicionada pela presença do sujeito na sentença (.56).

O objeto nulo foi favorecido pelos fatores internos: traço semântico [-animado] (.68); pela estrutura sintática SP(OI/LOC) (.62); pelo traço [- referencial] do antecedente (.64); pelos tempo verbais pretérito imperfeito (.66) e perfeito (.58) e, pela ausência do sujeito na sentença (.55).

Este estudo revela que, em comunidades afro-brasileiras isoladas, a variante clítico não foi encontrada e a variante com pronome pleno é a segunda preferida no corpus em geral. Quando o antecedente é [+animado], a variante pronome pleno é favorecida.

¹⁰ A autora denomina essa variante de categoria vazia.

1.1.4 Mendonça (2004)

A autora analisa uma amostra formada de entrevistas com moradores da cidade de Mata Grande /AL. As gravações fazem parte do Banco de Dados do LUAL¹¹.-Nesta amostra foram identificadas quatro variantes: objeto nulo (40%); SNs (30%); pronome lexical (20%); clítico acusativo (10%).

Os fatores condicionadores selecionados foram três internos e três externos: forma verbal, estrutura sintática da frase e traço semântico do antecedente, além de: sexo, idade e nível de escolaridade dos informantes.

Em relação aos clíticos, esse é favorecido nas estruturas canônicas SVO. Quando o objeto é um SN, o percentual é de (13%).

Em relação ao pronome lexical, quando a oração possui a estrutura sintática OD (SN) + PRED e OD (SN) + S, o seu favorecimento é categórico (100%). Essa variante também é favorecida quando o traço semântico do objeto é [+animado], com percentual de (42%). Quando o é gênero masculino o pronome lexical e o SN alcançam 27%.

Em relação aos SNs, quando o traço semântico do objeto é [+ animado] o percentual de ocorrência é de (38%) e, é favorecido quando a forma verbal está no tempo composto (33%) de ocorrências.

Em relação ao objeto nulo, o traço semântico do objeto é [-animado] revelou-se favorecedor desta variante (62%). Também a locução verbal com infinitivo (57%), tempo simples (40%) e estrutura sintática OD (SN) (50%) mostraram-se favorecedores.

Quanto ao fator social idade, Mendonça conclui que a forma preenchida do objeto direto anafórico por pronome lexical está gradativamente cedendo lugar para o

¹¹ Projeto vinculado ao PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos) da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

objeto nulo na fala matagrandense. O gráfico abaixo mostra a distribuição das variantes conforme a faixa etária do informante.

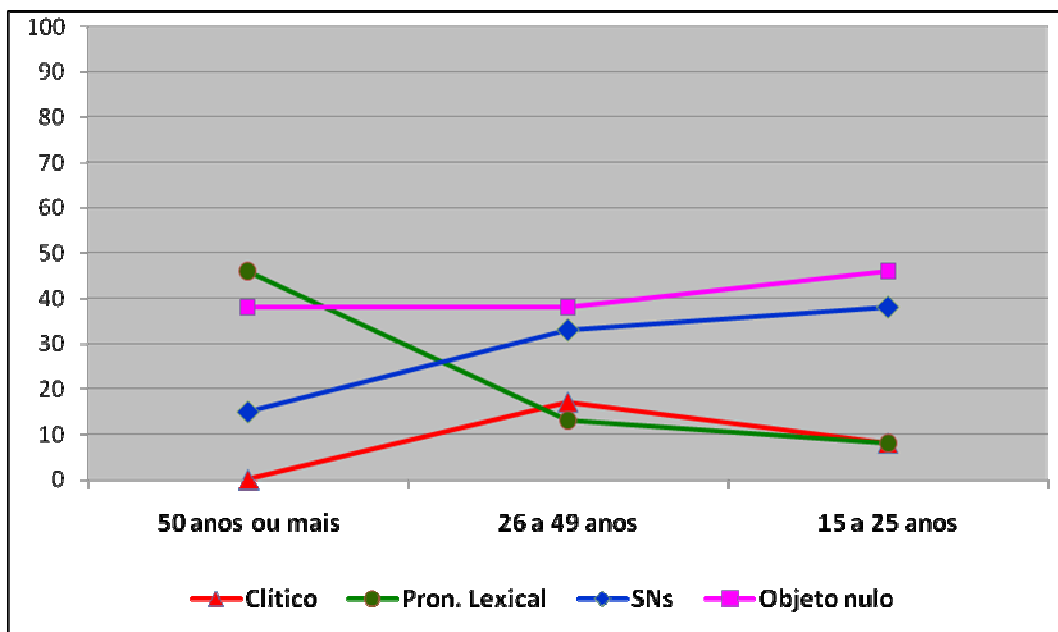


Gráfico 3 - Frequência das variantes de 3ª. pessoa segundo a faixa etária na amostra de Mata Grande/AL (Adaptado de Mendonça (2004, p. 66))

Em relação ao fator social escolaridade, a autora verificou que o uso do clítico cresce proporcionalmente à escolaridade do informante: Superior (17%), Médio (8%) e Fundamental (0%). Quanto ao uso do pronome lexical, esta variante é preferida pelos informantes de pouca escolaridade (46%), o que não se verifica com os informantes de ensino médio (8%) e superior (13%).

O gráfico apresentado abaixo mostra a frequência das variantes em relação ao nível de escolaridade na amostra de Mata Grande.

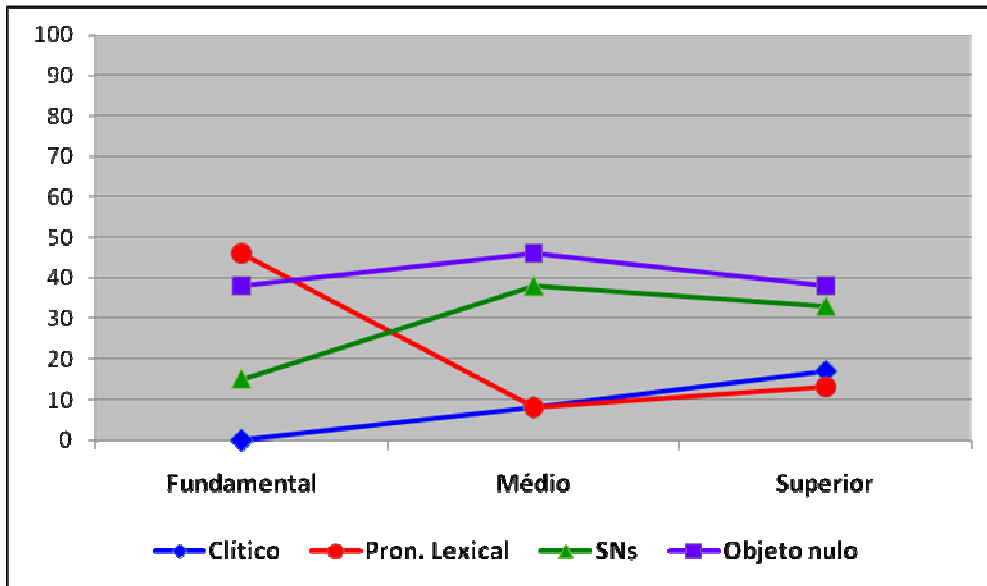


Gráfico 4 - Frequência das variantes de 3ª. pessoa segundo a escolaridade na amostra de Mata Grande/AL (Adaptado de Mendonça (2004, p. 66))

Nesta pesquisa chama a atenção, a porcentagem relativamente alta de clíticos entre os informantes com Ensino Superior (17%) e Ensino Médio (8%) e, pronomes lexicais entre os informantes de Ensino Fundamental (46%).

Em relação ao fator escolaridade, vê-se aqui um cenário diferente daquele encontrado em São Paulo por Duarte (1986). Na amostra de Mata Grande o percentual do clítico no Nível Superior (17%) é três vezes maior do que foi verificado na amostra de São Paulo (5,7%) no mesmo nível. Os percentuais do objeto nulo e SN nos níveis Médio (46% e 38%) e Superior (38% e 33%) de Mata Grande são semelhantes, enquanto que no resultado de São Paulo os percentuais do SN nos mesmos níveis não ameaçam o domínio do objeto nulo.

1.1.5 Arruda (2006)

O autor faz um estudo comparativo das realizações de objeto direto no português brasileiro culto falado em cinco capitais: Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. O *corpus* utilizado faz parte do projeto NURC e consta de inquéritos gravados em 1970.

O autor considerou a realização do objeto direto nas três pessoas gramaticais e na análise separou, de um lado, a 1ª e 2ª pessoas (cf. seção 1.2.1) e, de outro, a 3ª pessoa.

As ocorrências de 3ª pessoa foram analisadas separadamente: de um lado, ele analisou os casos em que o objeto tem um antecedente oracional - OD(or) - e, de outro, casos em que o objeto é antecedido por um sintagma nominal – OD(SN).

Com relação às ocorrências OD(or), nesta amostra foram identificadas três variantes: objeto nulo - Rio de Janeiro (69%), Porto Alegre (67%) , Salvador (57%) Recife (55%) e São Paulo (50%); pronome demonstrativo - Recife: (37%), Salvador (38%), Porto Alegre (27%), São Paulo (27%) e Rio de Janeiro (12%), e SNs¹² - São Paulo (23%), Rio de Janeiro (19%), Recife: (8%), Porto Alegre (6%) e Salvador (5%).

Como fatores condicionantes relevantes foram selecionados dois fatores internos: estrutura sintática e topicalização (ou não) do antecedente e dois fatores sociais: faixa etária e sexo/gênero.

Em relação ao objeto nulo, analisando estrutura sintática do OD(or), o autor constatou que, em estruturas simples, essa variante foi a mais empregada pelos falantes, com os seguintes percentuais: Rio de Janeiro (72%), Porto Alegre (68%), Salvador (59%), São Paulo (52%) e Recife (50%). Em estruturas complexas o objeto nulo

¹² O percentual de SNs representa a soma da frequência do SN pleno, SN com determinante modificado e SN totalmente modificado.

também foi a variante mais empregada em Recife (69%), Porto Alegre (62%), Rio de Janeiro (60%) e Salvador (50%).

Em relação ao pronome demonstrativo, em estruturas sintáticas complexas, houve um favorecimento maior em São Paulo (67%) e Salvador (50%).

No que se refere ao fator topicalização do antecedente, Arruda verificou que, nas cinco variedades estudadas, os falantes pouco topicalizam o objeto direto quando este tem natureza oracional OD(Or) e afirma que a não topicalização é quase categórica, pois o percentual de realização foi acima de (90%) em todos os dialetos.

Para as ocorrências de OD(SN), foram identificadas na amostra sete variantes: objeto nulo, clítico, pronome lexical, pronome demonstrativo, sintagma anafórico pleno, sintagma anafórico com determinante modificado e sintagma anafórico totalmente modificado, conforme distribuição apresentada na Tabela 3, abaixo:

	Rio de Janeiro	São Paulo	Recife	Porto Alegre	Salvador
Variantes	Nº./Total %	Nº./Total %	Nº./Total %	Nº./Total %	Nº./Total %
Objeto nulo	244/408 60	152/267 57	161/308 52	122/235 52	132/252 52
S. anafórico pleno	66/408 16	55/267 21	46/308 15	49/235 21	47/252 19
S. anaf. c/ det. Mod.	49/408 12	46/267 17	47/308 15	33/235 14	48/252 19
Pronome clítico	18/408 4,5	05/267 1,75	21/308 7	10/235 4	08/252 3,5
Pron. Demonstrativo	17/408 4	04/267 1,5	13/308 4	09/235 4	08/252 3,5
S. anaf. tot. mod.	09/408 2,5	05/267 1,75	10/308 3,5	06/235 2,5	06/252 2
Pronome lexical	05/408 1	-	10/308 3,5	06/235 2,5	03/252 1

Tabela 3 - Distribuição das variantes conforme a realização do OD(SN) na amostra de **cinco capitais** (%) (Adaptada de Arruda (2006, p.108))

Em relação aos clíticos, os percentuais encontrados nas capitais, Recife (7%), Rio de Janeiro (4,5%), Porto Alegre (4%), Salvador (3,5%) e São Paulo (1,75%), revelam que essa variante não é significativa para representação do OD anafórico de 3ª pessoa no português brasileiro culto falado nas cinco variedades estudadas.

Foram selecionados três fatores internos (a natureza semântica do antecedente, estrutura sintática e topicalização (ou não) do antecedente) e dois fatores sociais (sexo/gênero e a faixa etária dos informantes).

Em relação ao objeto nulo, a topicalização do antecedente foi o que mais se mostrou favorável à sua realização: Rio de Janeiro (94%), São Paulo (89%), Recife (86%), Porto Alegre (82%) e Salvador (79%). Quando o antecedente do OD(SN) não está topicalizado, para os falantes, a opção pelo preenchimento ou não do objeto é indiferente.

O objeto nulo também é favorecido quando o traço semântico do antecedente sendo [-animado] em quatro variedades estudadas: Rio de Janeiro (61%), Recife (54%), Porto Alegre (54%) e Salvador (53%), enquanto que em São Paulo essa variante é favorecida pelo traço [+animado], com percentual de (65%). A análise da estrutura sintática essa variante foi a mais freqüente em quase todas as construções (exceção, apenas, da estrutura OD(SN) + Oração (infinitiva ou gerundiva).

A variante objeto nulo do OD(or) em Porto Alegre e Recife apresentou uma maior frequência na fala dos mais jovens, diminuindo proporcionalmente ao avanço da idade dos informantes. Nas outras capitais não apresentou um comportamento semelhante.

Em relação à realização do OD(SN), o objeto nulo revelou-se a variante mais produtiva em todas as localidades, alterando-se apenas a faixa etária: nas variedades de

Porto Alegre e Recife ocorre na faixa intermediária, já em Salvador entre os mais jovens, enquanto que no Rio de Janeiro e São Paulo ocorre na 3ª faixa.

Ao analisar o fator sexo/gênero dos informantes, Arruda (2006) verificou que, em relação à variante objeto nulo, houve uma desigualdade entre os percentuais encontrados nas capitais estudadas quando o objeto direto tem como antecedente uma oração, no entanto, ele percebeu um equilíbrio nos percentuais no que se refere aos casos em que objeto direto tem um sintagma nominal como antecedente. No que diz respeito a gênero, apenas em São Paulo o fator sexo/gênero do informante se mostrou relevante para a seleção do objeto nulo do OD(SN): (71%) para as mulheres e (49%) para os homens.

O autor conclui não ser possível

dizer com segurança que haja no sistema linguístico do PB (...) um comportamento idêntico entre as variedades, como também não nos assegura afirmar que os fatos percebidos na fala de informantes cultos sejam compreendidos como uma extensão do que se observa na fala de informantes menos escolarizados (p.153-154).

1.1.6 Neiva (2007)

A autora analisa a realização do objeto direto no português brasileiro culto falado na cidade de Salvador. O *corpus* utilizado faz parte do projeto NURC e consta de inquéritos gravados em 1970 e na década de 90/2000. Nesta amostra foram identificadas quatro variantes: objeto nulo (59%); SN (34,4%); clítico (4,2%); pronome lexical (2,4%).

Como fatores condicionantes relevantes foram selecionados quatro fatores internos: modo e tempo do verbo, animacidade do objeto, forma da referência anterior e termo interveniente e dois fatores sociais: gênero e faixa etária do informante.

Em relação aos clíticos e ao pronome lexical, a análise dos fatores condicionantes internos não se mostrou relevante na escolha dessas variantes pelos informantes, uma vez que a frequência não passa de (10%).

Quanto ao SN, a análise do fator interno presença de termo interveniente mostrou-se muito relevante para a escolha da variante, sendo sua frequência quase categórica (91%). Quando a forma de referência anterior é uma sentença, a frequência dessa variante é de (57%).

Em relação ao objeto nulo, há um favorecimento em quase todos os grupos de fatores analisados, com destaque para quando a forma de referência anterior é uma categoria vazia (86%) ou um pronome lexical (67%). Quanto ao modo verbal, nas sentenças formadas por locuções com gerúndio o seu favorecimento é de (70%) e quando o traço semântico do objeto é [-animado] (60%).

A análise do fator social gênero do informante revelou que o objeto nulo é variante preferida por ambos os sexos, (59%) para mulheres e (58%) para homens, com a variante SN em segundo lugar, (35%) para mulheres e (34%) para homens.

O objeto nulo também foi a variante mais empregada pelos informantes das três faixas etárias analisadas: (64%) na Faixa I, (56%) na Faixa III e (55%) na Faixa II. A variante SN foi a segunda estratégia mais utilizada pelos informantes das três faixas: Faixa II (38%), Faixa III (34%) e Faixa I (32%).

Com base nos resultados relatados, é possível tirar algumas conclusões e enumerar algumas expectativas em relação ao corpus analisado nesta dissertação.

As conclusões são as seguintes:

1. O objeto nulo é a variante preferida. Entretanto, quando o objeto é [+animado] essa preferência sofre uma queda percentual significativa.

2. A segunda variante, na escolha de preferências é o sintagma nominal pleno, quando se agrupam os diferentes níveis de escolaridade. Quando se consideram apenas os informantes analfabetos e com primeiro grau, a variante preferida é o objeto nulo, exceto em Mata Grande (AL) onde o pronome lexical foi mais produtivo (46%).
3. Em relação ao clítico, sua frequência é baixa em todos os corpora analisados. E é ausente dentre os analfabetos e os informantes de 1º grau.

Em suma, os resultados globais são bastante homogêneos.

Quanto às expectativas em relação ao corpus em análise, esperamos encontrar um resultado semelhante ao de Mata Grande (AL) e as comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé (BA), por serem comunidades rurais mais isoladas.

Crê-se também que na amostra de Piabas:

1. A segunda variante preferida é o pronome pleno, se se consideram os objetos [+animados].
2. Há ausência de clíticos de 3ª pessoa, já que essa amostra é de analfabetos.
3. Há um processo de mudança em progresso.

Como se pode ver, os resultados dos estudos são apresentados, quase sempre, na forma de porcentagem.

Passemos, agora, às resenhas dos objetos diretos de 1ª e 2ª pessoas.

1.2 O Objeto direto de 1ª e 2ª pessoas

1.2.1 Arruda (2006)

O autor analisou a realização do objeto direto de 1ª e 2ª pessoas no português brasileiro culto falado em cinco capitais: Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Na amostra foram selecionadas 114 ocorrências de objeto direto de 1ª e 2ª pessoas, distribuídas da seguinte forma: 1ª pessoa: 92 ocorrências e 2ª pessoa: 22 ocorrências.

O clítico *me* foi a forma predominante para expressão do objeto direto referente à 1ª pessoa do singular e, apenas em Salvador e Recife foram registrados casos em que o preenchimento se deu com o pronome lexical *eu*. Com relação à 1ª pessoa do plural, Arruda (2006) constatou que em todas as variedades o clítico *nos* (78%) foi predominante e que a forma *a gente* (22%) foi utilizada mais em Salvador e Recife.

Com relação à 2ª pessoa, os falantes das cinco capitais empregaram quatro formas para preenchimento do objeto direto: *te*, *lhe*, *você(s)* e *a senhora*. De acordo com Arruda (2006), a forma pronominal preferida pelos falantes para o preenchimento do objeto direto de 2ª pessoa foi o clítico *lhe*, inclusive em dialetos em que se registra a presença do *tu* na função de pronome sujeito.

Verificou-se no *corpus* também o uso do clítico *lhe* em contextos em que a Gramática Tradicional prescreve que a forma a ser empregada deveria ser o clítico de *o/a*. Conforme Arruda (2006, p.144), o uso do clítico *lhe* em contextos em que a GT prescreve que deveria ser empregada a forma *o/a*

contribui para sustentar a hipótese de que o sistema pronominal do PB busca a sua homogeneização, em que os clíticos passariam a

assumir uma dupla função sintática: a de objeto e de indireto (como ocorre com as formas me e te, por exemplo); como também a hipótese – já apontada em outras pesquisas – da perda dos clíticos o/a no PB.

Neste estudo chama a atenção o uso do *lhe* nos contextos de objeto direto tendo como referente o interlocutor.

1.2.2 Dalto (2002)

A autora analisa a realização pronomes objeto de 1ª e 2ª pessoas no *corpus* de fala das cidades de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, levando em consideração as funções de objeto direto e objeto indireto. Nessa breve resenha faz-se referência apenas aos resultados do objeto direto.

As variantes encontradas na amostra foram agrupadas em dois tipos: *presença do objeto* (clíticos pronominais e formas lexicais) e *objeto nulo*.

Em relação à variante *presença do objeto*, foram verificados os seguintes resultados: 1ª pessoa - Curitiba (90%), Florianópolis (86%) e Porto Alegre (86%) e, 2ª pessoa - Porto Alegre (100%), Curitiba (89%) e Florianópolis (86%). A variante objeto nulo não se mostrou produtiva no corpus analisado.

Dalto salienta que o preenchimento do objeto direto nos dados levantados nas três capitais se realiza com maior frequência por meio de clíticos pronominais. As formas lexicais apresentaram baixa produtividade no *corpus* analisado. Na 1ª pessoa do singular foram encontradas apenas 06 ocorrências do pronome lexical *eu*: 01 em Curitiba e 05 ocorrências em Porto Alegre. Na 1ª pessoa do plural, ocorreu o inverso, a forma *a gente* mostrou-se mais produtiva do que o clítico *nos* em Florianópolis e Curitiba.

Em relação à 2ª pessoa, Dalto destaca que o clítico pronominal *te* mostrou-se mais produtivo nas três cidades e foram encontradas 03 ocorrências da forma *você* em Curitiba. O pronome lexical *tu* não foi encontrado na amostra.

Na análise dos fatores internos e externos selecionados pelo VARBRUL a autora apresenta os resultados juntando as ocorrências de objeto direto e objeto indireto, por isso não será possível apresentá-los, uma vez que o foco de interesse desta dissertação é o objeto direto.

1.3 Conclusões

Neste capítulo vimos que, em relação ao objeto direto anafórico de 3ª pessoa, um uso muito freqüente do objeto nulo e uso pouco freqüente ou nulo de clítico acusativo. Diante de tais resultados, alguns pesquisadores, a exemplo de Duarte (1986:43), chegam a afirmar *que é a escola o elemento que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico e este fator, associado à idade, é relevante na utilização desta variante.*

Tal correlação faz criar uma expectativa em relação à amostra analisada nesta dissertação: se é a escola que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico acusativo, uma amostra formada basicamente por analfabetos não deverá exibir tal variante. Outra expectativa é: será que escola também municia o indivíduo com a habilidade de usar clíticos acusativos de 1ª e 2ª pessoas? Se tiver, então, a freqüência de clíticos de 1ª e 2ª pessoas na amostra analisada deverá exibir baixa freqüência.

Ainda em relação ao objeto direto de 1ª e 2ª pessoas, vimos que em amostras de grandes centros urbanos, o clítico é a variante mais produtiva. Estes resultados nos levam a formular novas questões: uma vez que as amostras são de grandes capitais e,

por isso, representativas de comunidades cujos índices de analfabetismo são inferiores à média nacional, será que índices de analfabetismo estabelecem alguma correlação com a frequência de clíticos de 1ª e 2ª pessoas?

Na busca de respostas, vamos, no capítulo III, comparar Piabas, que exibe 38% de taxa de analfabetismo, com as grandes capitais, que exibem em média índices de 5%.

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Introdução

Neste capítulo serão apresentados alguns pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança que darão suporte a esta pesquisa e, em seguida, apresentaremos os objetivos e hipóteses que a nortearam o presente trabalho. E por fim, descrevemos a metodologia empregada no tratamento dos dados.

2.1 Pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística

Visando a uma melhor compreensão do conjunto de fatores condicionadores do uso do objeto direto anafórico falar rural baiano, adotam-se os pressupostos teóricos metodológicos da Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação (Labov 1982, 1994, 2001 e 2008). Para essa teoria, a língua é um sistema heterogêneo no qual a variação é parte inerente (Weinreich, Labov & Herzog, 1968).

Weinreich, Labov & Herzog (1968:121-125) apresentam cinco princípios empíricos para a Teoria da Mudança Linguística:

1. **O problema dos fatores condicionantes:** a teoria da mudança linguística tem por objetivo determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para que a mudança se estabeleça;
2. **O problema da transição:** “todas as mudanças submetidas ao exame empírico cuidadoso mostram a distribuição contínua através de sucessivas

faixas etárias da população” (p. 122). Segundo eles, esta transição ou transferência de traços de um falante para outro parece ocorrer por meio de falantes bidialetais ou, mais geralmente, falantes com sistemas heterogêneos caracterizados pela diferenciação ordenada. A mudança se efetiva (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma forma se torna obsoleta.

3. **O problema do encaixamento:** o pesquisador precisa explicar como a mudança linguística se encaixa no sistema circundante de relações linguísticas e sociais. Para os autores, a estrutura linguística mutante está encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura. O trabalho do lingüista não é só demonstrar a motivação social de uma mudança, como também determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico.
4. **O problema da avaliação:** “a teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea” (p.124). Sendo assim, o pesquisador procura responder de que maneira a mudança linguística é avaliada pelos membros de uma comunidade e, que efeito essa avaliação tem sobre o processo de mudança linguística.
5. **O problema da implementação:** “uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala” (p.124). Sendo assim, o objetivo do pesquisador é investigar quais os fatores responsáveis pela

implementação da mudança, ou seja, o porquê, o espaço de tempo e o local de ocorrência de determinada mudança.

Segundo Labov (2008), pode-se explicar um grande número de variações nas línguas como resultante de condicionamentos específicos. Os fatores atuantes na variação tanto podem ser condicionados por variáveis internas (de natureza morfossintática, fonético-fonológica, lexical, semântica e discursiva), quanto por variáveis sociais (escolaridade, gênero, idade, etnia, ocupação profissional, renda, etc.). As variantes, ou seja, as diferentes maneiras de se dizer uma mesma coisa, em um mesmo contexto, podem ocorrer em todos os níveis da gramática de uma língua.

A Teoria Sociolinguística concebe que uma **variável** é considerada **dependente** porque o emprego das variantes não é aleatório, porém influenciado por grupos de fatores (ou **variáveis independentes**) de natureza estrutural (interna ou linguística) ou social.

Um fenômeno de variação linguística pode ser considerado como um caso de **variação estável** - a alternância das mesmas formas durante um curto período ou mesmo através de séculos - ou **mudança em progresso** - quando sofrem mudança, quando há o desaparecimento de uma das variantes, ou seja, as formas substituem outras que deixam de ser usadas pelos falantes. Desta forma, nem toda variação implica em mudança linguística, porém toda mudança pressupõe que houve uma variação.

Conforme Labov (1982), a mudança linguística não se caracteriza como uma simples substituição de uma forma linguística por outra, mas, é resultado de uma complexa variação, de modo que exhibe fases em que as variantes se encontram em concorrência, ao final da qual, uma variante acaba por vencer a(s) outra(s).

Nas palavras de Mollica (2007, p.11), cabe à sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Sendo assim, de acordo com a autora, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos.

O conjunto de variáveis internas é formado pelos fatores de natureza fonológica, morfossintática, semântica, lexicais e discursivos. Esses fatores são relacionados a características da língua em várias dimensões e, segundo Mollica (op. cit. p. 11), leva em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. O conjunto de variáveis externas à língua diz respeito aos fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e gênero), os essencialmente sociais (escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os relacionados ao contexto (como grau de formalidade e tensão discursiva).

Para compreensão da natureza de uma variação linguística e caracterizar se é um caso de variação estável ou um fenômeno de mudança em progresso, é relevante o estudo do fator social idade do falante. O estudo de falantes de idades diferentes é denominado de escala de mudança em tempo aparente. Se não houver qualquer correlação entre a regra variável e a faixa etária, estaremos diante de um caso de variação estável. Porém, se os mais jovens empregarem mais a variante inovadora e houver um decréscimo em relação à idade dos outros informantes, estaremos diante de um caso de mudança em progresso.

2.2 Objetivos da pesquisa

O presente estudo tem por principal objetivo a realização de uma análise variacionista das estratégias de preenchimento do objeto direto anafórico nas três pessoas gramaticais na fala de moradores do Povoado de Piabas (Caém/BA).

Atrelado ao principal objetivo de investigação, encontram-se objetivos específicos que contribuirão para alcançarmos a nossa meta: identificar e analisar os fatores internos e externos que condicionam a realização do objeto direto anafórico; e comparar os resultados encontrados na fala de moradores do Povoado de Piabas com os resultados de estudos realizados a partir de *corpora* de fala de outras regiões do Brasil, objetivando investigar se os fatores condicionadores da variação na realização do OD anafórico são os mesmos.

2.3 Metodologia

2.3.1 Constituição da amostra

A amostra é um conjunto de 12 inquéritos gravados no Povoado de Piabas, pertencente ao Município de Caém/BA, entre final de 1994 e meados de 1996. As gravações foram feitas em duas áreas, na área urbana, ou “no comércio”, conforme denominam os moradores, e na área rural, mais exatamente nos arredores tais como Peral e em fazendas próximas.

Os informantes são quase todos analfabetos, embora alguns saibam desenhar o próprio nome. Apenas dois dos informantes (01 e 04) cursaram, respectivamente, até 3ª.

e 4ª. séries do Ensino Fundamental. São três as faixas etárias: Faixa I (20-30 anos); Faixa II (40-60 anos) e a Faixa III (mais de 70 anos), sendo que em cada faixa há sempre dois homens e duas mulheres.

Esta amostra foi coletada e transcrita no âmbito do Projeto *A Língua Portuguesa Falada no Semi-Árido Baiano*, coordenado por Norma Lúcia F. de Almeida (UEFS) e Zenaide de Oliveira N. Carneiro (UEFS¹³), no qual se incluem amostras da língua falada em comunidades de diversas micro-regiões econômicas da Bahia, representativas da região semi-árida. As coordenadoras gentilmente cederam a amostra para efeito de análise quantitativa e qualitativa nesta dissertação.

2.3.2 Breve descrição da cidade de Caém/BA

O Povoado de Piabas localiza-se no município de Caém. A cidade de Caém está localizada na região de planejamento do Piemonte da Diamantina do Estado da Bahia, limitando-se a leste com os Municípios de Queimadas e Capim Grosso, a sul e oeste com Jacobina e a norte com Saúde e Caldeirão Grande. A área municipal é de 494 km². A distância até Salvador é 336 km e o acesso ao município a partir de Salvador é efetuado pelas rodovias pavimentadas BR-324, BR-116 e BA- 131.

O início do desbravamento de Caém ocorreu no final do século XIX, com a presença de garimpeiros que estavam de passagem para as minas de ouro de Jacobina. A margem do Rio da Prata, posteriormente denominado Rio Caém, foram construídas residências e uma igreja formando o Sítio Papagaio. Em 1910, com o início da construção do ramal ferroviário, muitos operários vieram à procura de trabalho na via férrea, surgindo cabanas em toda a margem da estrada. Após o término do ramal

¹³ Universidade Estadual de Feira de Santana.

ferroviário e da construção da Estação Ferroviária, em 1918, as famílias dos operários se aglomeraram nas imediações do Sítio Papagaio. Na placa designativa daquela estação continha a inscrição “CAHÉN”, registrando-se uma homenagem prestada pelo engenheiro francês Henry de Brutelles, construtor da ferrovia, a sua esposa Marta de Brutelles, natural da cidade francesa de Kahn.

Na sede do município de Caém existe¹⁴ 01 Agência Bancária Federal. Em relação ao atendimento médico-hospitalar da população, existe 01 Hospital conveniado com o SUS dispondo de 44 leitos. O município possui 44 colégios de Ensino Fundamental, sendo 37 na Zona Rural, e 03 de Ensino Médio. Embora a maioria das escolas se localize na Zona Rural, é necessário ter em conta não só os dados quantitativos – número de escolas – mas também sua qualidade.

O abastecimento de água é feito pela empresa estatal Embasa, (Empresa Baiana de Água e Saneamento), sendo que apenas 33,6% dos domicílios possuíam água encanada. A Coelba é a distribuidora de energia elétrica no município e atendia 65,2% dos domicílios.

Um detalhamento da população do município de Caém aparece na Tabela 4.

População residente, sexo e situação do domicílio					População residente de 10 anos ou mais de idade		
Total	Homens	Mulheres	Urbana	Rural	Total	Alfa-betizada	Taxa de alfabetização (%)
12.563	6.339	6.224	3.377	9.186	9.926	6.889	69.4

Tabela 4 - Dados do município de Caém/BA segundo Censo Demográfico 2000, IBGE.

¹⁴ Dados levantados no “Diagnóstico do Município de Caém” do “Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea” (Ministério de Minas e Energias, 2005).

Conforme pode ser observado mais de 70% da população do município residia na Zona Rural no ano 2000. Outro fato que chama a atenção, a partir da análise do quadro, é o número de pessoas não alfabetizadas que chega a 30.6%, índice muito superior à média brasileira, que é de 12.8% para população de 10 anos ou mais (IBGE, Censo Demográfico, 2000).

Esse conjunto de dados permite caracterizar a nossa amostra como representativa da fala rural de um município de alto índice de analfabetismo.

2.4 Critérios utilizados para seleção dos dados

Durante o levantamento dos dados, foram computadas apenas as ocorrências de OD anafórico, correferentes a um SN mencionado anteriormente no discurso. Para tanto, aplicou-se o teste de covariação estrita que permite verificar se as formas variáveis podem ser permutadas na mesma posição sem ocasionar prejuízo semântico no entendimento da sentença.

Na realização do teste, verificou-se se nas sentenças selecionadas o OD poderia ser preenchido por qualquer uma das variantes concorrentes: clítico acusativo, pronome lexical, SNs ou objeto nulo, conforme pode ser observado, nos itens em negrito:

(02) Eu digo é: “se o pai fosse vivo ajudaha muito”. Mundo vêi matou **o pai** (**o** / ___ / **ele**). Foi Deus, Deus que matou **ele** (**o** / ___ / **o pai**) . Num posso dizer que foi Deus não. É, num pode ser Deus, Deus é esses que morre na cama. Mas quem morre debaixo de tiro, num foi Deus que ___ matou (**o** / **ele** / **o pai**) não. (PB- 1074aF)

Para efeito de quantificação, foram excluídas ocorrências que fizessem parte de sentenças que apresentassem:

1. Verbos existenciais, por não ser possível a aplicação do teste de covariação:

(03) DOC: As mulher não conhecia remédio...

INF: Ah, naquele tempo **tinha** remédio não, a num ser aquela casca que fah no mato. Mas o remédio num **tinha**. (PB- 0752aM)

2. Verbos transitivos com função fática:

(04) No caso, nós temos água já aí, você **tá veno**, né? **Tá veno** nessa barragem. (PB- 0128aM)

3. Objetos diretos preenchidos pelo pronome demonstrativo *isso* por muitas vezes não serem co-referentes de SNs e, sim, terem por antecedentes uma sentença:

(05) (...) mandaha encher dois copo de pitu, a cachaça máih triste que tem no mundo. Enchia cheínha assim, eu viraha na boca guti... guti... guti, um dia fui fazer **isso** no sertão, o cara (...) disse que eu que... qu'eu bebia era mais o cão e era mehmo. (PB 0328aM)

2.5 Hipóteses que orientam a análise

A principal hipótese norteadora do estudo aqui apresentado é: a variante clítico acusativo deverá estar ausente, assumindo-se que *a escola é o elemento que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico* (Duarte, 1986:43). O pronome lexical será a segunda variante preferida abaixo do objeto nulo.

Haverá correlação entre o uso de clíticos acusativos de 3^a pessoa e índices de analfabetismo da comunidade.

Haverá correlação entre o uso de clíticos de 1^a e 2^a pessoas e escolaridade.

2.6 Variáveis analisadas na pesquisa

2.6.1 O objeto direto de 1ª e 2ª pessoa

2.6.1.1 Variável dependente

2.6.1.1.1 O objeto direto de 1ª pessoa

Estabeleceu-se a realização do objeto direto de 1ª pessoa como variável dependente e selecionaram-se três variantes representativas dessa variável na amostra analisada: clítico, pronome lexical e objeto nulo. A variante SN não foi considerada para efeito de quantificação.

Duas ocorrências de SN cujo referente é o locutor foram encontrados na amostra, e aparecem transcritas abaixo.

(06) Cuidado p'ele num engoli. Mah! Oh! Cuidado. Aí é lisa. Deixa **mainha** tirar, meu fio, vem. (PB - 0230aF)

(07) Chega mãe, chega!... Deixa **mainha** tirar. Chega! Aqui mais, óia , óia, óia. Psiu!. (PB - 0230aF)

Trata-se de um diálogo entre mãe e criança. É geralmente em interações adulto/criança que tais ocorrências se dão no Português Brasileiro¹⁵, e nestes casos

¹⁵ É oportuno lembrar que esporadicamente se encontram epítetos que têm o locutor como referente em interações adulto/adulto, como em 'o malandro aqui também é filho de Deus' ou 'o papai aqui também quer mais uma cerveja' (Ver MOTA, M. A. Uso de epítetos no Português Brasileiro (Tese de doutorado, em andamento).

emprega-se, quase sempre, o diminutivo. Por ocorrerem em contextos marcados, os enunciados (06) e (07) não foram incluídos na amostra.

As variantes incluídas no corpus são exemplificadas a seguir:

1. Clítico

(08) DOC: É, porque também o senhor ajudou, eles tem que lhe ajudar, né?
INF: A... ajudou muito, né? Então, eles tudo **me** ajuda. (PB – 0553aM)

2. Pronome lexical

(09) Que mãe criou **eu** de um jeito, criava os filho de um jeito, de outro jeito. (PB – 0860aF)

(10) Meu pai trouxe pr'aqui **nós** tudo e de lá, mas tem gente aqui

3. Objeto nulo

(11) Diz, na hora essa maleta d'água vem daquele mundo mai, se na... a hente tem que deitar senão ela ___ leva (...). (PB - 1074aF)

Foi encontrada uma ocorrência de 'mim' em posição objeto.

(12) Aí tamém quando eu vi que ele ia **mim** matar, muito tempo só jurava de mim matar, panhava espingarda pra mim. (PB – 0328aM)

Uma vez tal realização só se dava em ambiente [__[consoante nasal]], decidiu-se tratá-la não como pronome tônico, mas como pronome átono 'me', com vogal [i] final nasalizada.

2.6.1.1.1.1 Formas de representação do objeto direto de 1ª pessoa em Piabas

A tabela abaixo apresenta as formas de representação do objeto direto de 1ª pessoa na amostra de Piabas.

Formas	Número/Total	%
<i>me</i>	49/77	64
<i>mim</i>	01/77	1
<i>eu</i>	04/77	5
<i>nos</i>	04/77	5
<i>nós</i>	01/77	1
<i>a gente</i>	06/77	8
<i>objeto nulo</i>	12/77	16
Total	77	100

Tabela 5 - Distribuição das formas de representação do objeto direto de 1ª pessoa na amostra de Piabas.

O clítico de 1ª pessoa do singular ‘*me*’ é mais produtivo (64%), como em (13), do que o clítico de 1ª pessoa do plural ‘*nos*’ (5%), como em (14), no falar rural baiano.

(13) Maih meu irmão veio me procurar na rodoviária. (PB – 0230aF)

(14) Nós tamo em casa assim como nos tamo aqui, chega um diabo aí vem fazer... vem nos matar aqui de... de nome... de... é de tiro, sem a gente tá fazeno nada (...). (PB – 1074aF)

Em outras palavras, para expressar a 1ª pessoa do singular, o falante emprega mais o clítico, enquanto que para a 1ª pessoa do plural a expressão ‘*a gente*’ é um pouco mais utilizada do que o clítico *nos*, como exemplificado em (15), a seguir.

(15) (...) mas nesse... nessa... nessa data nós morava em Jacobina, né? (...) Mas, oh meus pais num botaru a gente pa estudar não. Era pra trabalhar. (PB - 0553aM)

Registrou-se 01 ocorrência do pronome *mim* no lugar clítico *me*, como pode ser observado em (16).

(16) Aí tamém quando eu vi que ele ia mim matar, muito tempo só jurava de mim matar, panhava espingarda pra mim. (PB – 0328aM)

Observou-se também na amostra de Piabas uma ocorrência da duplicação do objeto direto, fenômeno conhecido pelo nome de redobro de clíticos, conforme pode ser observado em (17).

(17) O pessoal sempre me procura a mim pras coisa de... de... aqui. (PB – 0128aM)

Encontramos um exemplo com pronome lexical de 1ª pessoa do plural *nós*, conforme se pode observar em (18), abaixo:

(18) Vim pra'qui porque meu povo morava aqui, meus parente morava aqui. O finado E. carregou minha mãe, meu pai trouxe pr'aqui nós tudo e de lá, mas tem gente aqui. (PB – 0979aM)

2.6.1.1.2 O objeto direto de 2ª pessoa

No que diz respeito às realizações de objeto anafórico (e exofórico) referentes ao interlocutor, foram identificadas as seguintes variantes:

1. Clítico

(19) Tava vino um sobrinho qu'eu tenho, cansou “madrinha”, “o que menino?”...
“eu vou **lhe** levar em Santo pa ocê tomar uns banho”. (PB – 1074aF)

(20) DOC : Se a gente chegar lá, será que ele fica com medo d'agente?
INF: Não fica não, mas se pegar, o véi **te** agarra. (PB- 1173aM)

2. Pronome lexical

(21) Sabe que eu quero dizer, se ele chegar eu vou pra Pedras Alta e levo **vocês**.
(PB – 0128aM)

3. Objeto nulo

(22) (...) vocês vão pra ele dá, ele joga dento do carro e vai tirar o figo de vocês
lá diante e joga ___ dentro do mato. (PB – 0860aF)

Como há uso de *lhe* acusativo, o paradigma esperado é:

(23)	Singular	Plural
	<i>o</i>	<i>os</i>
	<i>lhe</i>	<i>lhes</i>
	<i>você</i>	<i>vocês</i>

No que diz respeito ao clítico, observam-se dois: o clítico ‘*lhe*’ e o clítico ‘*te*’.
Veja-se que ‘*te*’ possui uma forma única tanto para o acusativo quanto para o acusativo.
Já o clítico ‘*lhe*’ é, conforme os cânones tradicionais, descrito como dativo e ‘*o*’ para o
acusativo, como se vê nos enunciados abaixo:

(24) Gostaria de apresentá-*lo* ao meu chefe.

(25) Dou-*lhe* este presente em nome de todos.

Nestes enunciados ambos os clíticos são parafraseáveis com a forma ‘você’.

(26) Gostaria de apresentar *você* ao meu chefe.

(27) Dou para *você* este presente em nome de todos.

Apenas no segundo caso a preposição ocorre.

Nos enunciados do corpus, há ocorrência de ‘*lhe*’ como objeto direto, ambos parafraseáveis por ‘você’, sem preposição. Isso significa que, neste dialeto, ambos os clíticos ‘*te*’ e ‘*lhe*’ seriam uniformes, em relação a caso. Ambos realizariam acusativo e dativo. Isso representa um padrão único em relação aos clíticos que têm como referente o interlocutor.

2.6.1.1.2.1 Formas de representação do objeto direto de 2ª pessoa em Piabas

Formas	Número/Total	%
<i>te</i>	03/15	20
<i>lhe</i>	04/15	27
<i>você</i>	01/15	6
<i>vocês</i>	04/15	27
<i>objeto nulo</i>	03/15	20
Total	15	100

Tabela 6 - Distribuição das formas de representação do objeto direto de 2ª pessoa na amostra de Piabas.

Conforme pode verificar-se na tabela acima, o clítico *lhe* e o pronome lexical *vocês*, com (27%) cada um, configuram-se como as formas um pouco mais produtivas para representação do objeto direto de 2ª pessoa em Piabas.

2.6.1.2 Variáveis independentes

2.6.1.2.1 Fatores internos

1. Número do SN objeto

- Singular

(28) DOC : Se a gente chegar lá, será que ele fica com medo d'agente?
INF: Não fica não, mas se pegar, o véi **te** agarra. (PB- 1173aM)

- Plural

(29) (...) a gente qu' é fazer alguma coisa assim na igreja [inint], aí que as menina acha que a gente num tem condições vem **nos** ajudar. (PB-0428aF)

(30) Tinha que fazer ne outa perto, mah num tinha, então, digo: então o meu é ficar quieto, deixar **vocês** seguir o caminho e eu vou fica parado. (PB – 0553aM)

2. Forma verbal

- [- T] (infinitivo, gerúndio, participio e subjuntivo)
- [+T] (verbos flexionados)

3. Tipo de oração

- Principal (absoluta)
- Outras (coordenadas e subordinadas)

4. Presença / ausência do sujeito

- Presença do sujeito

- Ausência do sujeito

2.6.1.2.2 Fatores externos

1. Faixa etária

- Faixa I (20-30 anos)
- Faixa II (40-60 anos)
- Faixa III (Mais de 70 anos)

2. Gênero

- Feminino
- Masculino

2.6.2 O objeto direto anafórico de 3ª pessoa

2.6.2.1 Variável dependente

Definiu-se a posição de objeto direto anafórico como variável dependente e buscou-se relacionar as variantes representativas dessa variável na amostra analisada. Conforme se verificou na maior parte dos trabalhos resenhados, no PB culto registram-se quatro estratégias de realização do objeto direto anafórico: o objeto nulo, os SNs, o pronome lexical e o clítico acusativo

A estratégia de realização do OD anafórico através do clítico acusativo, entretanto, não foi encontrada na amostra analisada.

As variantes encontradas na amostra são exemplificadas abaixo:

1. Objeto nulo:

(31) Vem com horror de... de brinquedo de boneca. (...). Chama vocês, vocês vão pra ele dá, ele joga ___ dentro do carro. (PB-0860aF)

2. SNs anafóricos:

(32) Eu tinha casa de farinha de motor, motor des'tamaí ói e panharu e robaru **o motor**. Mas quem roubou **o motor** já tá... já tá... tá debaixo desse ói. E eu tou vivo. (PB-0979aM)

3. Pronome lexical:

(33) E aí ele chegou, quis levar minha menina, eu deixei. Tá com doze ano. Disse que ia levar pa me ajudar, né? Aí eu deixei **ela** ir. (PB- 0230aF)

2.6.2.2 Variáveis independentes

2.6.2.2.1 Os fatores internos (linguísticos)

1. Forma verbal

- [- T] (infinitivo, gerúndio, particípio e subjuntivo)

(34) DOC: Pra é... pra trabalhar né? Mas ia levar a família?
INF: Hum. Hum. Eu vou pa **deixá** a família aí! (PB- 0328aM)

- [+T] (verbos flexionados)

(35) () “Eu como a melencia, não bebo água. Não quero água não”. **Comeu** a

melencia, eu **comi** a melencia mais ela, eu não tive nada. Ela nos quatoze dia se acabou e eu fiquei pequeno. (PB- 0979aM)

2. Tipo de oração

- Principal (absoluta)

(36) Nós temos que encanar, a água tá pertinho aí. **Nós encana a água** pra cá, bota **água** nas casas, uma coisa, né? (PB- 0128aM)

- Outras (coordenadas e subordinadas)

(37) DOC: Vocês faziam a farinha pa vender, se alimentar, pra fazer beiju, e agora tá teno que comprar?

INF: Ele agora tem **que comprar** ___ **pa comer**, porque farinha aqui dento, os pezinho **que tinha já** ___ **rancou**. (PB- 0640aF)

3. Presença / ausência do sujeito

- Presença do sujeito

(38) Morreu novinho, do primeiro casamento. Que é só eu... eu casei que com um ano de casada, um ano e três mês, **a cobra** ___ ofendeu e ele morreu... (PB- 0860aF)

- Ausência do sujeito

(39) Tinha uma igreja véia, **derrubaru**, fizeram outra, **tornaru** a derrubar, agora fizeram aquela. Agora aquela ali tá feita. (PB- 0752aM)

4. Tipo do antecedente

- Definido

(40) De vê da gente dar o conselho e a gente não pegar, a pessoa vai pegar **o conselho** nós deve, todas nós deve pegar **o conselho**... (PB-0860aF)

- Indefinido

(41) **Escorpião**, pelo menos aqui em casa é difícil a gente vê _____. Acho que desde que mudei pa'qui acho que nunca vi **um escorpião**, aqui e... ou...ou hoje em dia por causa de... do... dos guarda da SUCAM, né (...). (PB- 0428aF)

5. Traço semântico do antecedente

- [+animado]

(42) Agora, o neto não sei da conta, e tem **uma neta** tomém que foi eu que criei. O pai morreu e eu criei **ela**, tá em São Paulo, tá com vinte ano lá. (PB- 1270aF)

- [-animado]

(43) DOC: Ah! Ela quer saber o que é que é aquilo ali dentro da garrafa.
INF: [risos]. É **uma cruz**. (...). Foi esse rapaizinho que ____ colocou... que saiu aí. (PB- 0752aM)

6. Topicalização do antecedente

- Antecedente topicalizado

(44) DOC: Agora que tem muito hoje aí é peixe, né?
INF: É, peixe eles vão pegar ____ né? Quem tem armadilha de pegar, pega ____, né? (PB- 0553aM)

- Antecedente não topicalizado

(45) É. Ele quer que eu vá lá fazer um rancho. Ai a gente num acha quem compre o quartinho pa derrubar ____, vamo derrubar ____ em qualquer hora e fazer ____ lá. (PB- 0230aF)

2.6.2.2.2 Fatores externos

1. Faixa etária

- Faixa I (20-30 anos)
- Faixa II (40-60 anos)
- Faixa III (Mais de 70 anos)

2. Gênero

- Feminino
- Masculino

2.7 Programa de regras de variáveis utilizado

Após o levantamento criterioso das ocorrências e codificação dos dados, procedeu-se a submissão das variantes ao programa GOLDVARB, (versão de Robinson; Lawrence & Tagliamonte, 2001), com objetivo de obter resultados estatísticos para, posteriormente, realizar a análise dos fatores relevantes.

Conforme Guy e Zilles (2007, p.105), o VARBRUL é conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente, estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. Esse tipo de análise é denominado de ‘multivariada’

porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por diversos elementos do contexto, ou seja, por múltiplas variáveis independentes. Através dessa investigação, é possível medir os efeitos e a significância dos efeitos das variáveis independentes na realização da variável dependente. De acordo com os autores, o programa também possibilita ao pesquisador testar várias hipóteses sobre natureza, tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes.

Sendo assim, o programa apresenta a frequência em que as variantes ocorrem, considerando os grupos de fatores selecionados pelo pesquisador e, apresenta os contextos favorecedores da escolha de cada variante. Os resultados básicos apresentados pelo VARBRUL são a frequência absoluta (o número de ocorrências), a frequência relativa (os percentuais) e os pesos relativos calculados.

Ainda conforme Guy e Zilles (op. cit. p 205), o número de ocorrências da variante tratada como aplicação da regra variável é apresentado em relação ao conjunto total de ocorrências estudadas e os percentuais redimensionam os resultados de frequência expressos como uma proporção, delimitando-os a uma escala que vai de 0 a 100, de modo que possam ser comparados a outros. Conforme os autores

o peso de um fator é um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. O peso é 'relativo' ao nível geral de ocorrência da variante, indicado pelo input (Guy e Zilles, p.239).

O *input* “representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente” (Guy e Zilles, p. 238). Considera-se como favorecedor todo resultado em

que o peso relativo for acima do ponto neutro de 0,50 (para uma variável binária), ou 0,33 (para uma variável ternária), e desfavorecedor todo o que for abaixo desse valor.

A partir dos resultados estatísticos obtidos através da submissão dos dados ao GOLDVARB, foram elaborados tabelas e gráficos, visando a fornecer subsídios para melhor visualização dos resultados da análise do fenômeno variável em questão.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Introdução

O presente capítulo tem por objetivo apresentar resultados da análise quantitativa realizada, e vai se compor de quatro seções. Nas três primeiras trataremos, respectivamente, das realizações anafóricas de objeto direto de primeira, segunda e terceira pessoas. Na quarta seção apresentaremos nossas conclusões.

Foram levantadas 665 ocorrências de objeto direto (ana)fórico de primeira, segunda e terceira pessoas na amostra analisada, assim distribuídas:

Pessoa do objeto	Número de ocorrências
Primeira	77
Segunda	15
Terceira	573
TOTAL	665

Tabela 7 - Distribuição dos dados na amostra de Piabas

O número de ocorrências de terceira supera substancialmente o das demais. Certamente o fato de termos como amostra entrevistas sociolinguísticas, que buscam obter prioritariamente narrativas de experiência pessoal, seja o fator responsável.

Vejamos, a seguir, um detalhamento da amostra.

3.1 Variável eneária

3.1.1 Análise e discussão dos resultados de 1ª pessoa

Em relação à 1ª pessoa foram analisadas 77 ocorrências, assim distribuídas:

Variantes	Número
Clítico	54
Pronome lexical	11
Objeto nulo	12

Tabela 8 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa na amostra de Piabas

No levantamento das ocorrências de 1ª pessoa, registrou-se a realização do objeto direto através dos clíticos *me* e *nos*, dos pronomes plenos *eu*, *mim*, *nós*, *a gente* e *objeto nulo*, conforme vimos no capítulo 2.

Na tabela abaixo, encontram-se os resultados em porcentagem.

	1ª Pessoa	
Variantes	Número/Total	%
Clítico	54/ 77	70
Pronome lexical	11/77	14
Objeto nulo	12/77	16

Tabela 9 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa na amostra de Piabas (%)

Conforme se observa na tabela acima, a variante clítico (70%) foi a mais produtiva para representar o objeto direto de 1ª pessoa em Piabas.

Analisaremos a seguir a influência dos fatores internos tempo verbal, tipo de oração e ausência/presença de sujeito e dos fatores externos faixa etária e gênero do informante na distribuição das variantes. Vejamos inicialmente a distribuição em relação ao número.

Variantes	1ª singular		1ª plural		Total	
	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
Clítico	50/59	85	04/18	22	54/77	70
Objeto nulo	05/59	8	07/18	39	12/77	16
Pronome lexical	04/59	7	07/18	39	11/77	14
Total	59/77	77	18/77	23	77	100

Tabela 10 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme o número na amostra de Piabas (%)

Há favorecimento do clítico quando o objeto é singular (85%), conforme exemplo (46). O pronome lexical *eu* e o objeto nulo mostraram-se desfavorecidos, com (7%) e (8%), respectivamente.

(46) Aí pai era uma pessoa muito ignorante, muito bruto. (...) Me rabava com foice tamém pa mim cortar o pescoço, corria e eu dormia no mato. (PB - 0328aM)

Na 1ª pessoa do plural o cenário é bem diferente. Observa-se que o pronome lexical *a gente* e o objeto nulo são mais produtivos, (39%) cada um, do que o clítico *nos*, com (22%), como em (47):

(47) É, e se chora ... diche, poque num acha jeito, nós nos vemo pressiguido e num acha jeito. (PB - 1074aF)

Observando-se os percentuais globais das três variantes na tabela acima, verifica-se que a variante pronome lexical não foi a segunda, mas sim a terceira na escala das preferências (14%), como em (48). É importante observar que o percentual global do objeto nulo (16%), como em (49), e do o pronome lexical mostraram-se muito inferiores ao do clítico de primeira pessoa (70%). A diferença entre esses percentuais indica que na realização do objeto direto de primeira pessoa em Piabas as variantes pronome lexical e objeto nulo são pouco produtivas, diferentemente do que ocorre na segunda pessoa, na qual o clítico tem como concorrente forte o pronome lexical.

(48) Hoje tão pegano, se vê você estupa se ver **eu**... Até o propi eu que daqui por diante, eu vou com medo. (PB - 0860aF)

(49) Diz, na hora essa maleta d'água vem daquele mundo mai, se na... a hente tem que deitar senão ela ___ leva (...). (PB - 1074aF)

A seguir, encontra-se o gráfico com a frequência de cada variante, em relação ao número, para melhor visualização dos resultados.

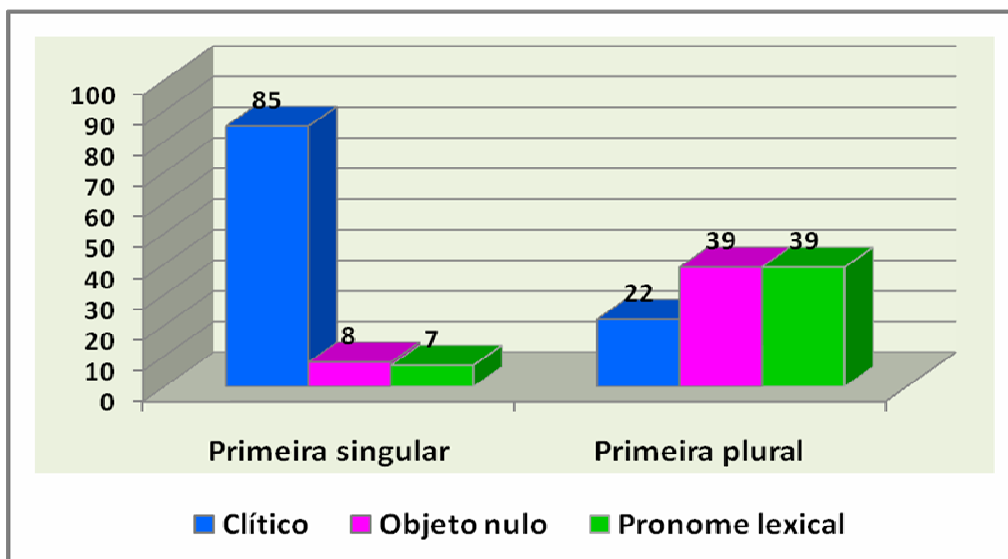


Gráfico 5 - Frequência das variantes de 1ª pessoa conforme o número na amostra de Piabas

Analisando-se os resultados apresentados no gráfico, verifica-se que, na 1ª pessoa do singular, a variante clítico (85%) é a mais produtiva. A partir desse resultado, constata-se que para expressar o objeto direto de 1ª pessoa do singular, o falante de Piabas utiliza com maior frequência os clíticos *me* do que o pronome lexical *eu* ou o objeto nulo.

No que diz respeito ao tempo verbal, este se mostra neutro, conforme pode ser observado na tabela abaixo.

Variantes	[+T] = verbos flexionados		[- T]		Total	
	N ^o ./Total	%	N ^o ./Total	%	N ^o ./Total	%
Clítico	31/ 47	66	23/30	77	54/77	70
Objeto nulo	08/47	17	04/30	13	12/77	16
Pronome lexical	08/47	17	03/30	10	11/77	14
Total	47/77	61	30/77	39	77	100

Tabela 11 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme a forma verbal na amostra de Piabas (%)

Em relação ao tipo de oração, principal ou subordinada, observou-se que este fator também se mostra neutro. É importante observar que a variante nula por ser mais recente na língua deveria ser favorecida pela oração principal. Mas, não é esse o resultado verificado.

Variantes	Principal		Subordinada		Total	
	N ^o ./Total	%	N ^o ./Total	%	N ^o ./Total	%
Clítico	31/ 40	78	23/37	62	54/77	70
Objeto nulo	03/40	7	09/37	24	12/77	16
Pronome lexical	06/40	15	05/37	14	11/77	14
Total	40/77	52	37/77	48	77	100

Tabela 12 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme o tipo de oração na amostra de Piabas (%)

O fator presença/ausência do sujeito mostra-se também neutro. Esse resultado é diferente daquele exibido na análise de 3ª pessoa, conforme veremos na próxima seção.

Variantes	Presença do sujeito		Ausência do sujeito		Total	
	N^o./Total	%	N^o./Total	%	N^o./Total	%
Clítico	21/ 33	64	33/44	75	54/77	70
Objeto nulo	05/33	15	07/44	16	12/77	16
Pronome lexical	07/33	21	04/37	9	11/77	14
Total	33/77	43	44/77	57	77	100

Tabela 13 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme a presença/ausência do sujeito na amostra de Piabas (%)

Vejamos agora o fator faixa etária do informante.

Variantes	Faixa I		Faixa II		Faixa III		Total	
	N^o./Total	%	N^o./Total	%	N^o./Total	%	N^o./Total	%
Clítico	19/ 26	73	10/19	53	25/32	78	54/77	70
Objeto nulo	04/26	15	04/19	21	04/32	13	12/77	16
Pronome lexical	03/26	12	05/19	26	03/33	9	11/77	14
Total	26/77	34	19/77	25	32/77	41	77	100

Tabela 14 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa em relação à faixa etária do informante na amostra de Piabas (%)

Conforme pode ser verificado na tabela acima, Faixa I (jovens) e Faixa III (velhos) apresentam índices semelhantes e a Faixa II (adultos) apresenta uma porcentagem intermediária. Esse perfil parece indicar variação estável.

Consideremos, por fim, o gênero.

Variantes	Masculino		Feminino		Total	
	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
Clítico	22/ 28	79	32/49	65	54/77	70
Objeto nulo	02/28	7	10/49	21	12/77	16
Pronome lexical	04/28	14	07/49	14	11/77	14
Total	28/77	36	49/77	64	77	100

Tabela 15 - Distribuição das variantes de 1ª pessoa conforme o gênero do informante na amostra de Piabas (%)

Observando a tabela acima se verifica que também esse fator se mostrou neutro. O clítico é preferido por homens e mulheres, quase havendo distinção entre os gêneros: há um leve favorecimento na fala dos homens.

3.1.2 Análise e discussão dos resultados de 2ª pessoa

Variantes	2ª Pessoa	
	Número/Total	%
Clítico	07/15	47
Pronome lexical	05/15	33
Objeto nulo	03/15	20

Tabela 16 - Distribuição das variantes de 2ª pessoa na amostra de Piabas (%)

Chama a atenção nesta tabela o baixo número de ocorrências. Apesar disso, será possível observar que a variação se restringe a alguns contextos e, portanto, não estaria presente em todos.

Tais resultados embora não possam ser tomados como definitivos, podem ser usados como indicadores.

Em relação ao número, não houve ocorrência de clítico plural. Tendo-se em conta o paradigma ((23) (Cap. 2, p. 55) pode-se afirmar que os falantes apresentaram:

(50) o – lhe você
 os – lhes vocês

Frequência zero das variantes os e lhes.

Em relação ao tempo verbal, houve variação e se pode observar favorecimento pelo uso do clítico nas orações principais (66%). É importante ressaltar que o uso de clíticos se restringe a expressões fixas, pois ocorrem com três tipos de verbos: psicológico, ação e estado.

Em relação ao fator interno presença/ausência do sujeito, observa-se que há favorecimento do clítico quando o sujeito está presente. Mas quando o sujeito está ausente, a preferência é pronome lexical, no caso *você*.

Em relação à idade, há variação apenas na Faixa II (adultos). A Faixa I (jovens) não usa o objeto nulo e a Faixa III (velhos) não usa o pronome lexical. Olhando a distribuição dos clíticos conforme a faixa etária é possível verificar uma porcentagem maior na Faixa I e na Faixa III e pronome lexical na Faixa II. Neste grupo há preferência pelo pronome lexical *você* em detrimento de *te* e objeto nulo.

Por fim, em relação ao gênero, homens e mulheres preferem o clítico a outras realizações do objeto. Mas são as mulheres que fazem uso mais frequente (60%), conforme exemplo abaixo.

(51) Quer que tu quer, fulano? É óiado? É quebranto? Ou ramo de mio? Ou oiado, ou quebranto, ou ramo de mio, botaru com gosto, com gosto eu te tiro. (PB – 0860aF)

Esse resultado é bastante interessante, uma vez que os informantes são em sua grande maioria analfabetos e a hipótese era que o pronome lexical apresentasse percentual mais alto que o clítico. Diante desse resultado, verifica-se que, no que diz respeito a clíticos de 2ª pessoa em posição de objeto seu uso não pode ser atribuído à escolarização.

O gráfico abaixo permite visualizar o desempenho de cada variante de objeto direto de 2ª pessoa em relação ao número.

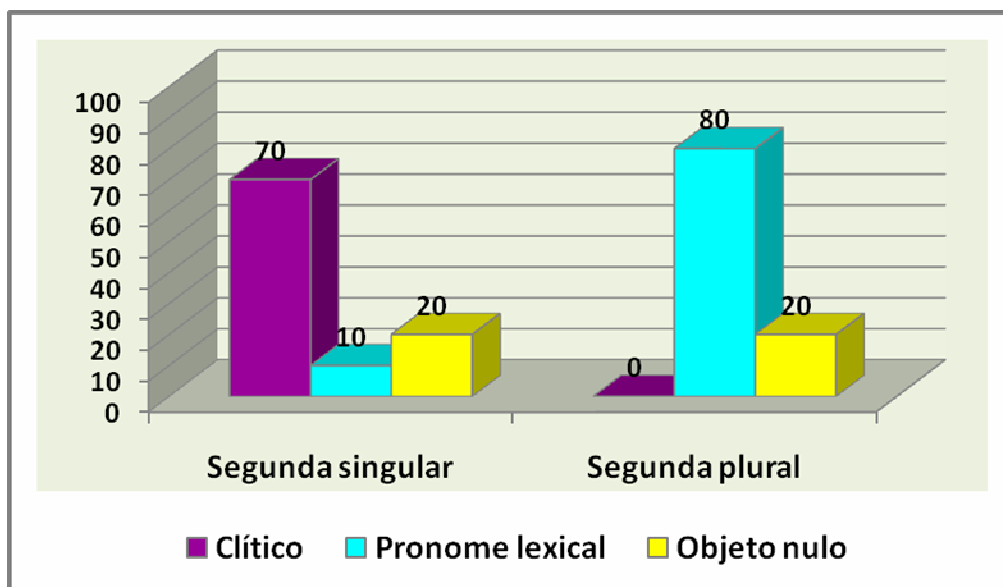


Gráfico 6 - Frequência das variantes de 2ª pessoa em relação ao número na amostra de Piabas

No diálogo mais direto um/eu o clítico é preferido, no diálogo eu/vários a forma não clítica é preferida. Menon e Loregian-Penkak (2002) observaram que o número plural é a porta de entrada para a forma *você*. O gráfico acima confirma essa tendência.

3.1.3 Análise e discussão dos resultados de 3ª pessoa

A análise dos resultados de 3ª pessoa incluirá a discussão dos fatores internos e externos condicionadores das três variantes de OD anafórico. Inicialmente, apresentaremos os resultados da amostra analisada e, posteriormente, realizaremos uma comparação desses resultados com os resultados de pesquisas sobre o OD de terceira pessoa em outras variedades a partir de *corpora* de fala.

Na amostra de Piabas foram encontradas 573 ocorrências de OD anafórico de 3ª pessoa distribuídas da seguinte forma:

Variantes	Nº./Total	%
Objeto nulo	389/573	68
SNs	140/573	24
Pronome lexical	44/573	8
Total	573	100

Tabela 17 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa na amostra de **Piabas (%)**

Conforme mostra a tabela, o objeto nulo (68%) foi a variante mais produtiva na amostra analisada, como em (52), confirmando nossa primeira hipótese. A segunda variante mais empregada pelos informantes foi o SN (24%). O pronome lexical (8%) foi

a terceira variante mais utilizada na amostra. Estes resultados também não confirmam nossa segunda hipótese, a de que o pronome lexical seria a variante que concorre mais de perto com o objeto nulo.

(52) As cama daqui era o quê? era é... era cama de... de vara de couro de boi, né? Quando morria um boi, ia lá pegava o couro, tirava ___ do boi, porque morria ai de doenças, tirava o couro para fazer cama, fazer coberta, n'era não? (PB-0128aM)

O gráfico apresentado abaixo permite visualizar melhor a concorrência entre as variantes SNs e objeto nulo.

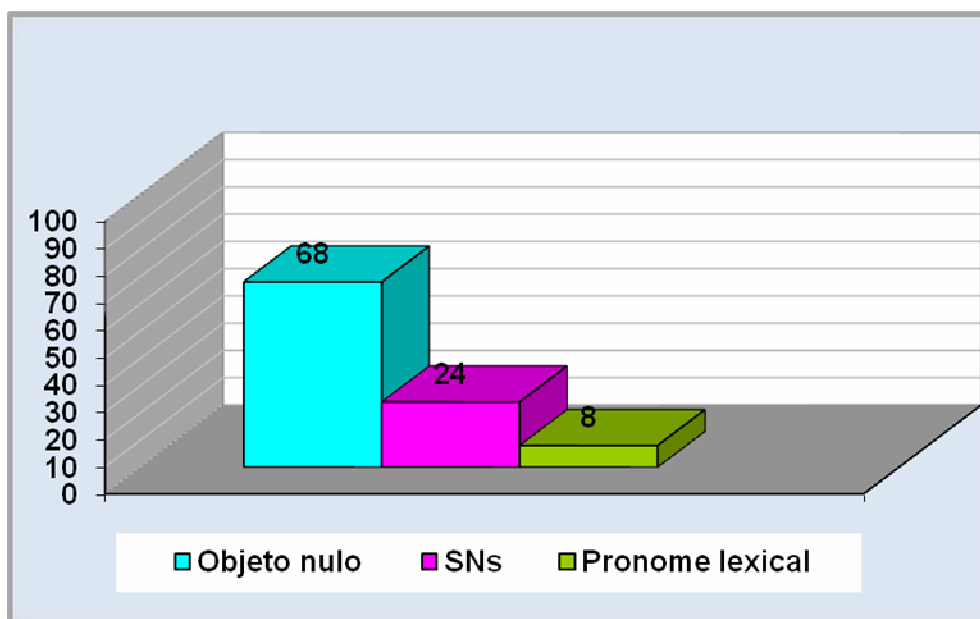


Gráfico 7 - Frequência das variantes de 3ª pessoa na amostra de Piabas

Analisando o gráfico e a tabela percebe-se que o SN é concorrente mais forte do objeto nulo, embora haja uma diferença muito significativa entre os percentuais destas duas variantes. Abaixo, seguem exemplos de ocorrências da variante pronome lexical (53) e SN (54).

(53) Era dessa tamainho ... eu vejo **ela** aqui, aí espaia (...). Olha aqui **ela**... olha cá... aqui a senhora vê **ela** aqui (...). Bota a mão aqui, encarque bem aqui que vê **ela** melhor, perai. (PB - 1270aF)

(54) Quano a menina tá aqui, ele é muito respeitador, quano vê **a menina** aqui, não vem, mas eu to em riba. (PB - 0979aM)

É importante destacar que o percentual do pronome lexical (8%) em Piabas é inferior ao registrado em outros estudos baseados em corpora de fala do PB, conforme se discute no capítulo 4. Esse percentual do pronome lexical em uma amostra formada por informantes analfabetos e semi-analfabetos pode ser indicativo de que o uso do pronome nominativo no lugar do clítico acusativo de 3ª pessoa não é característica da fala de analfabetos e semi-analfabetos.

Na próxima seção será realizada a análise e discussão dos fatores internos que se mostraram relevantes na escolha das variantes.

3.1.2.1 Tipo de oração

Analisaremos, a seguir, a influência do tipo de oração na escolha das três variantes. A tabela abaixo registra os resultados obtidos.

Tipo de oração	Objeto nulo		SNs		Pronome lexical	
	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
Outras (coord. e subordinadas)	234/324	72	69/324	21	21/324	7
Principal	155/249	62	71/249	29	23/249	9
TOTAL	389/573	68	140/573	24	44/573	8

Tabela 18 - Distribuição das variantes de terceira pessoa em relação ao **tipo de oração em Piabas (%)**

Observam-se nos resultados apresentados na tabela acima que o objeto nulo é um pouco mais favorecido em orações coordenadas e subordinadas (72%), estruturas sintáticas mais complexas, como no exemplo (55). Com um percentual um pouco menor, a oração principal também se mostrou condicionadora do objeto nulo (62%), cf. (56).

(55) DOC: É domingo, né? E tem merenda na escola?

INF: Num tem não. Os menino falaro **que a professora vai buscar** ____ amanhã. (PB - 0230aF)

(56) Eu digo: ocê, eu... São Cristão? **Não vi São Cristão nunca.** {É anda as muié}. E no tempo do pade A. tinha o São Cristão. **Eu** ____ **arcansei**, eu era menina. (PB -1074aF)

A variante SN foi mais favorecida quando ocorre na oração principal (29%), sendo, portanto, condicionada pela estrutura sintática mais simples, conforme exemplos (57) e (58) abaixo:

(57) Naquele tempo mi... minha mãe botava o carosene... (...) ...carosene...

Botava **o carosene** naquele lugar ali óh, dava aquela massagem ali, pronto,

desaparecia a mordida. (PB - 0553aM)

(58) Se ele nunca mandar... poque como você vê nos panha água bem longe, mas quem botou foi ele. Nenhum de nós bota água no mundo não. (PB - 0860aF)

O gráfico abaixo sintetiza as informações contidas na tabela acima e ajuda a visualizar melhor os resultados.

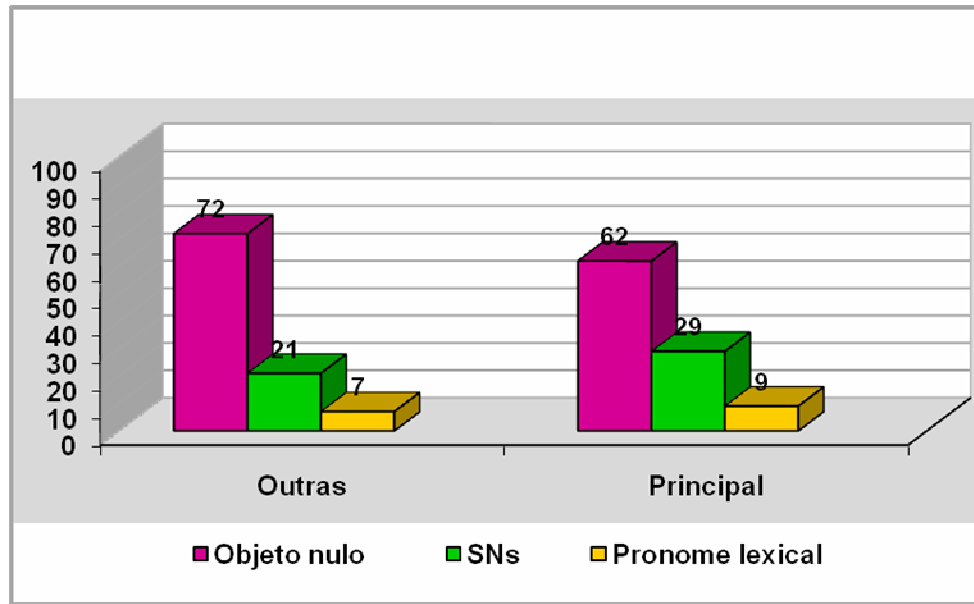


Gráfico 8 - Frequência das variantes de terceira pessoa em relação ao tipo de oração em Piabas

3.1.2.2 Traço semântico do antecedente

O traço semântico do antecedente tem se revelado um dos principais fatores internos condicionadores da variante mais produtiva na representação do OD anafórico

de 3ª pessoa no PB falado, o objeto nulo. Esse fato já foi constatado nos resultados de pesquisas realizadas em várias localidades do Brasil, algumas delas, resenhadas no Capítulo 1.

Na tabela 19, apresentada abaixo, se encontram os resultados da análise estatística dos dados em relação ao peso desse fator na escolha das três variantes.

Traço semântico	Objeto nulo		SNs		Pronome lexical	
	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
[-animado]	248/352	71	100/352	28	04/352	1
[+animado]	141/221	64	40/221	18	40/221	18
TOTAL	389/573	68	140/573	24	44/573	8

Tabela 19 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação ao traço semântico do antecedente do objeto em Piabas (%)

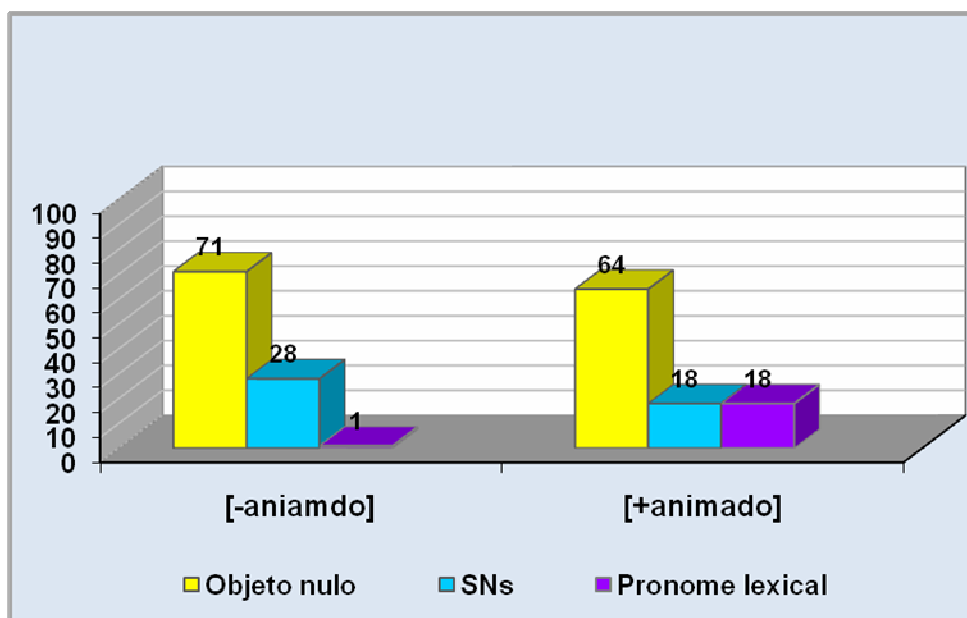


Gráfico 9 - Frequência das variantes de 3ª pessoa em relação ao traço semântico do antecedente em Piabas

Observa-se que o traço semântico do antecedente sendo [-animado] favorece o objeto nulo (71%), como exemplificado em (59). Esse resultado comprova que entre as quatro variantes representativas do OD anafórico no PB, o objeto nulo é variante mais produtiva quando o antecedente do objeto é [-animado].

(59) Ah mulher só é só pa raspar **a mandioca**. (...). É. As mulher só tem o trabaio só de raspar ___ e... o... a hente, nós homem é quem se arromba, é pa arrancar ___ e levar ___ pa casa de farinha (...). (PB - 0328aM)

Assim como foi feito com o fator tipo de oração, agrupamos as ocorrências conforme a ‘*presença do objeto*’ e ‘*objeto nulo*’ para observarmos se o traço semântico [-animado] se revelaria favorecedor do objeto nulo, assim como foi observado na rodada contendo as quatro variantes, conforme foi visto no tópico anterior.

3.1.2.3 Faixa etária

Inicialmente, analisam-se os resultados referentes ao comportamento das três variantes encontradas na amostra de Piabas, em separado. Em seguida, realiza-se análise dos resultados obtidos a partir do agrupamento em duas variantes: ‘*presença do objeto*’ e ‘*objeto nulo*’.

Vejamos então os resultados concernentes à influência do fator faixa etária do informante no comportamento das três variantes.

Faixa etária	Objeto nulo		SNs		Pronome lexical	
	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
Faixa I (20-30 anos)	195/250	78	43/250	17	12/250	5
Faixa II (40-60 anos)	115/179	64	46/179	26	18/179	10
Faixa III (mais de 70 anos)	79/144	55	51/144	35	14/144	10
TOTAL	389/573	68	140/573	24	44/573	8

Tabela 20 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação à **faixa etária do informante em Piabas (%)**

Os resultados apresentados nessa tabela permitem verificar que o objeto nulo é a variante mais produtiva na Faixa I, com (78%), como visto em (60). Com percentual de frequência um pouco inferior, o objeto nulo também é a variante mais produtiva na Faixa II, com (64%).

(60) Aí a gente num acha quem compre o quartinho pa derrubar ____, vamo derrubar ____ em quarquer hora e fazer ____ lá. (...). É, leva porta, telha, que a hente num tem dinheiro pa recomprar ____, né? E porque se quisere comprar ____, só quer comprar ____ de graça, e a gente vai dermanchar _____. (PB- 0230aF)

Na Faixa III, o objeto nulo (55%), não é tão produtivo porque há um percentual significativo de ocorrência de seu concorrente mais forte, o SN (35%), como pode ser observado em (61) abaixo.

(61) “Fecha os óio”. Vai e vem de ôi fechado, costa pa num ver. (...) pra num ver pa onde foi, muié. "Fecha os óio!" O povo larga, fecha **os óio**, quande abre tá dentro da cazona, aí diz: “viche nossa! Mas onde é qu’eu tou?” (PB – 1074aF)

O gráfico apresentado abaixo permite visualizar melhor o comportamento das variantes em cada faixa etária.

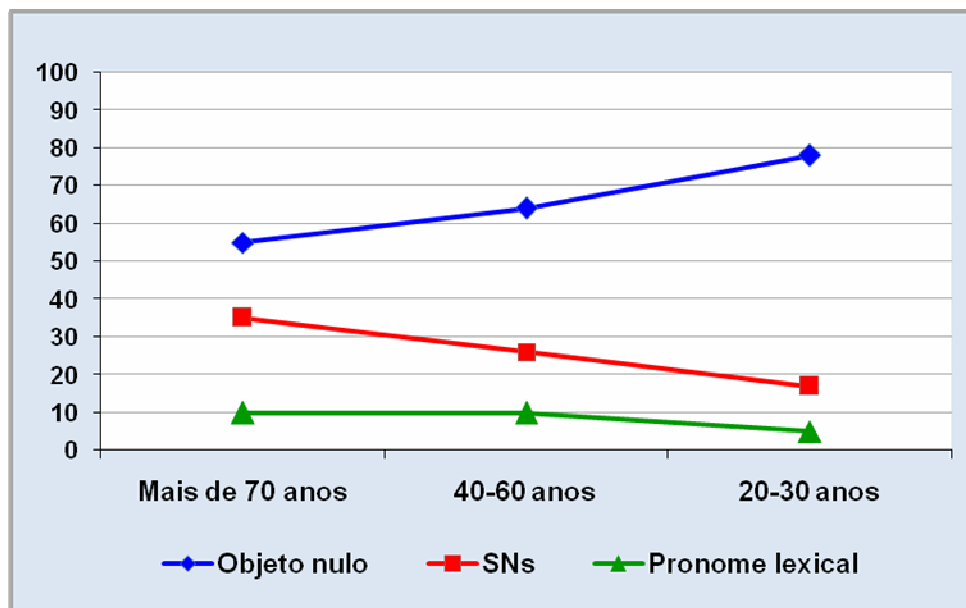


Gráfico 10 - Frequência das variantes de 3ª pessoa em relação à faixa etária do informante em Piabas

A análise do gráfico acima permite verificar um perfil de mudança em curso na representação do objeto direto anafórico de 3ª pessoa em Piabas: o objeto nulo torna-se a variante preferida, suplantando suas concorrentes mais fortes, que é o SN e o pronome lexical.

Os percentuais do objeto nulo na Faixa I (78%), Faixa II (64%) indicam que o fator externo faixa etária é um elemento bastante favorecedor dessa variante e, desfavorece a realização das outras duas variantes, inclusive do SN, o maior concorrente do objeto nulo na amostra de Piabas.

Na próxima seção, analisam-se os resultados depreendidos a partir do agrupamento das três variantes em uma variável binária.

3.2 Variável binária

Nesta seção vamos retomar nossa amostra e agrupar as três variantes em duas classes: objeto anafórico lexicalmente realizado e objeto anafórico não lexicalmente realizado. Cada classe será codificada como uma variante. Desse modo, será possível calcular a força dos fatores testados no pacote GOLDARB 2001, chegando-se aos pesos relativos.

3.2.1 As variáveis independentes

3.2.1.1 Seleção das variáveis significativas

Após os dados serem quantificados, o GOLDVARB selecionou as seguintes variáveis significativas: (a) Tipo de oração, (b) Faixa etária. O GOLDVARB descartou por não apresentarem valores estatísticos significantes essas variáveis testadas: (a) Forma verbal, (b) Presença / ausência do sujeito, (c) Traço semântico do antecedente, (d) Tipo do antecedente (definido e indefinido), (e) Topicalização do antecedente e (f) Gênero. Apenas os fatores considerados significativos serão apresentados nas seções abaixo.

Vejamos inicialmente, a distribuição das variantes de terceira pessoa.

Variantes	Número/Total	%
Objeto nulo	389/573	68
Presença do objeto	184/573	32
Total	573	100

Tabela 21 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação ao “*objeto nulo*” x “*presença do objeto*” em Piabas (%)

Observa-se na tabela acima que o objeto nulo mantém o mesmo percentual (68%) já observado quando se investigou o comportamento das três variantes encontradas na amostra. Também se verifica que a variante presença do objeto obtém um percentual representativo da soma dos percentuais do SN e do pronome lexical com (32%) de ocorrências.

3.2.1.2 Análise dos grupos de fatores internos (linguísticos)

Nesta seção, será realizada a análise e discussão dos fatores internos que se mostraram relevantes na escolha das variantes.

3.2.1.2.1 Tipo de oração

A tabela abaixo apresenta os resultados da influência do fator tipo de oração no condicionamento das variantes ‘*presença do objeto*’ x ‘*objeto nulo*’ na amostra analisada.

Tipo de oração	Objeto nulo			Presença do objeto		
	Nº./Total	%	P. R.	Nº./Total	%	P. R.
Outras (coord. e subordinadas)	234/324	72	.56	90/324	28	.44
Principal	155/249	62	.44	94/249	38	.56
Total	389/573	68	--	184/573	32	--

Input: 0,31 Significância: 0,009

Tabela 22 - Distribuição das variantes '*presença do objeto*' x '*objeto nulo*' de 3ª pessoa em relação ao **tipo de oração em Piabas**

Observando-se os pesos relativos de cada variante apresentados acima, percebe-se que a variante *presença do objeto* é mais produtiva quando ocorre na oração principal (**.56**), ou seja, quando o objeto direto está lexicalizado é mais produtivo em orações principais, como em (62).

(62) Você vê que nós cria os filho. Eu crio **os filho**... criei meus filho, já num foi criado como eu criei. Criava **os filho** de um jeito, de outro jeito. E vai levando a vida. (PB - 0860aF)

O objeto nulo é favorecido, principalmente, quando ocorre em orações coordenadas e subordinadas (**.56**), ou seja, em estrutura sintática mais complexas, como pode ser observado em (63).

(63) DOC: É domingo, né? E tem merenda na escola?
 INF: Num tem não. Os menino falaro **que a professora vai buscar** ____ amanhã. (PB - 0230aF)

O gráfico apresentado abaixo sintetiza as informações da tabela 22.

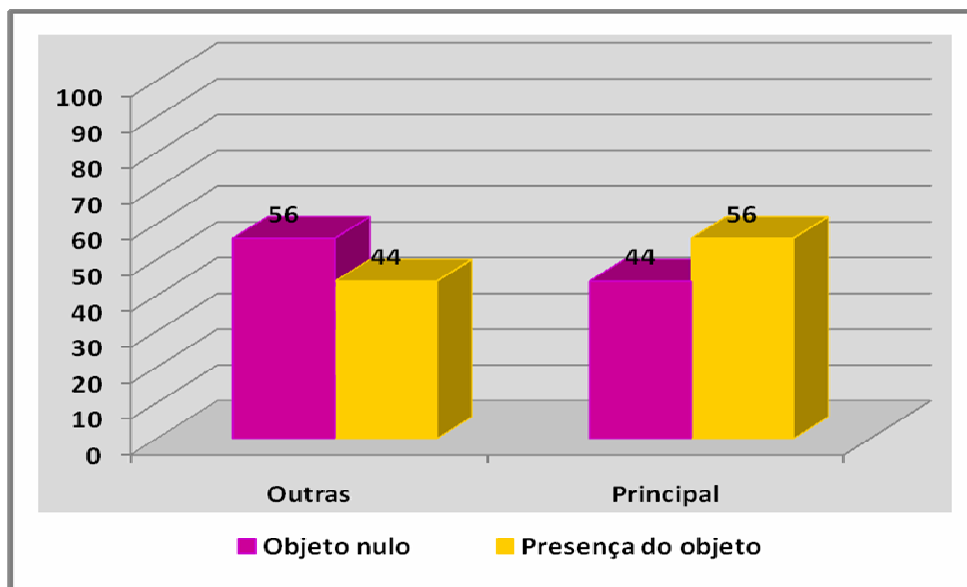


Gráfico 11 - Pesos relativos das variantes 'presença do objeto' x 'objeto nulo' de 3ª pessoa em relação ao tipo de oração em Piabas

A distinção principal/subordinada tem se mostrado relevante quando se assume que as orações principais seriam o lócus das inovações, ao passo que as subordinadas seriam o lócus das variantes conservadoras (Lightfoot, 1979). Observando-se os resultados apresentados acima, percebe-se que essa hipótese não foi confirmada, uma vez que o objeto nulo, a variante considerada inovadora, foi mais favorecido nas orações coordenadas e subordinadas (.56). Por outro lado, a variante presença do objeto, composta pelos SNs e pronome lexical, foi favorecida nas orações principais (.56).

A partir do resultado apresentado acima, pode-se constatar que o objeto nulo na amostra de Piabas apresenta-se mais produtivo com orações de maior complexidade sintática, demonstrando que o falante tende a não realizar o objeto direto, com uma frequência maior, quando esse se encontra em orações coordenadas e subordinadas.

3.2.1.3 Análise dos fatores externos

3.2.1.3.1 Faixa etária

A análise deste fator externo ou social é muito importante para o pesquisador verificar se o fenômeno variável investigado por ele se configura como uma variação estável ou reflete um processo de mudança em progresso.

Por variação estável entende-se que é a alternância das mesmas formas durante um curto período ou mesmo através de séculos, enquanto que na mudança há o desaparecimento de uma das variantes, ou seja, as formas substituem outras que deixam de ser usadas pelos falantes.

A tabela abaixo apresenta o resultado da influência do fator faixa etária no comportamento da variante '*presença do objeto*' x '*objeto nulo*'.

Faixa etária	Objeto nulo			Presença do objeto		
	Nº./Total	%	P. R	Nº./Total	%	P. R.
20-30 anos	195/250	78	.62	55/250	22	.38
40-60 anos	115/179	64	.45	64/179	36	.55
+ de 70 anos	79/144	55	.36	55/144	45	.64
Total	389/573	68	--	184/573	32	--

Input: 0,31 Significância: 0,009

Tabela 23 - Distribuição das variantes '*presença do objeto*' x '*objeto nulo*' de 3ª pessoa em relação à faixa etária do informante em Piabas

Observando-se os pesos relativos apresentados pelas variantes em cada faixa etária, verifica-se que a variante “presença do objeto”, formada por pronome lexical e SN revelou-se bastante produtiva na Faixa III (mais de 70 anos) (.64) e mostrou-se desfavorecida na Faixa I (20-30 anos) (.38). Verifica-se que a Faixa II (40-60 anos) apresenta um comportamento diferente das outras faixas analisadas em relação às duas variantes, uma vez que o peso da variante presença do objeto é (.55) e objeto nulo (.45).

O objeto nulo, por outro lado, é favorecido na Faixa I (20-30 anos) (.62) e desfavorecido na Faixa III (mais de 70 anos) (.36). Essa diferença entre os pesos do objeto nulo na Faixa I e na Faixa III foi surpreendente. É bem verdade, que se esperava que o objeto nulo fosse mais produtivo na Faixa I, pois se sabe que essa variante tem sido o recurso mais utilizado para representação do objeto direto anafórico pelos informantes mais jovens. Surpreendemo-nos com a diferença entre os pesos dessas variantes. O quadro delineado a partir da análise da tabela 23 indica um processo de mudança em progresso, pois os mais jovens utilizam a variante inovadora, o objeto nulo do que os idosos.

O gráfico abaixo sintetiza as informações da tabela 23 e permite visualizar melhor os resultados apresentados.

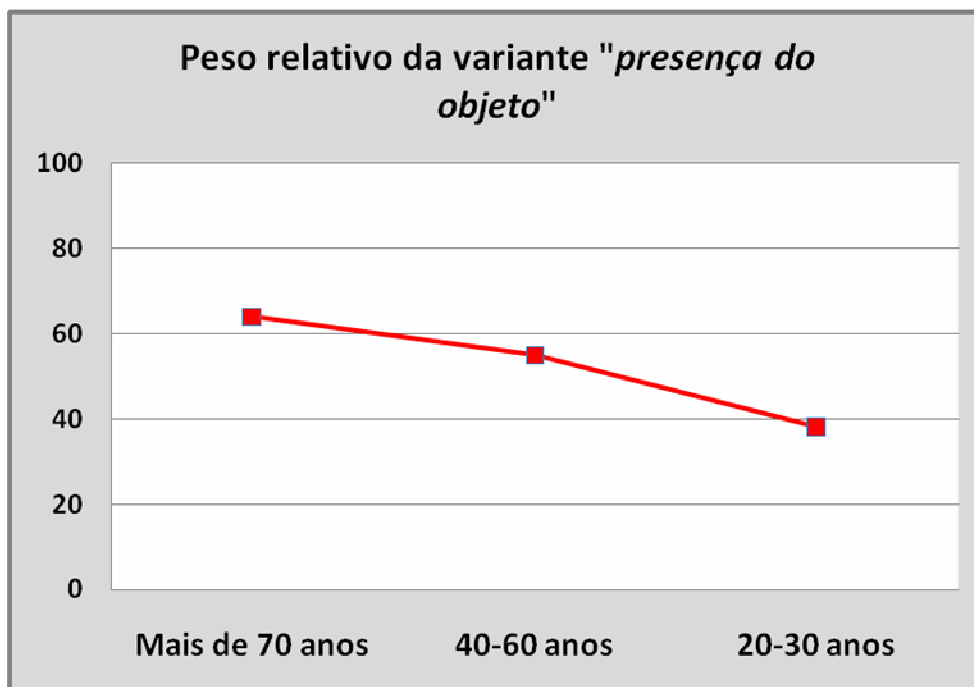


Gráfico 12 - Peso relativo da variante 'presença do objeto' de 3ª pessoa em relação à faixa etária do informante em Piabas

O gráfico 12 mostra um perfil de mudança na representação do OD anafórico de 3ª pessoa no PB falado de forma clara. A variante *presença do objeto* apresenta uma queda acentuada, dando lugar ao objeto nulo. A mudança na representação do OD anafórico de 3ª pessoa, portanto, já está em curso.

3.3 Conclusões

Em relação ao objeto direto de 1ª e 2ª pessoas, confirma-se nossa hipótese do clítico configurar-se como a variante mais produtiva na realização do objeto direto. Como segunda opção para realizar o objeto direto de 1ª pessoa, o falante alterna entre objeto nulo e pronome lexical, com percentuais semelhantes e, muito inferiores ao do

clítico. A segunda opção para a realização do objeto direto de 2ª pessoa, o pronome lexical *você(s)* (36%), revelou-se forte concorrente dos clíticos *te* e *lhe*. (43%)

Em relação aos resultados 3ª pessoa, a principal hipótese norteadora deste estudo foi confirmada, pois o objeto nulo mostrou-se a variante mais produtiva em referência ao objeto direto anafórico.

Ainda em relação ao OD anafórico de 3ª pessoa, o fator faixa etária do informante mostrou-se grande favorecedor do objeto nulo na Faixa I (20-30anos) (.62), enquanto que o objeto lexicalmente realizado revelou-se favorecido na Faixa III (mais de 70 anos) (.64).

A Faixa II apresenta um comportamento diferente das outras faixas. A diferença entre os pesos relativos das duas variantes, (.55) para a variante presença do objeto e, (.45) para o objeto nulo, é menor do que foi verificado entre as duas variantes nas outras faixas.

Tendo em vista esse conjunto de resultados, vamos comparar o perfil de Piabas (Caém/BA) ao de outras localidades. Esse será o objeto de nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 - COMPARANDO RESULTADOS

Introdução

Neste capítulo vamos comparar os resultados de Piabas aos de outras localidades. Para isso, será necessário reagrupar os dados e refiná-los. Nosso objetivo é verificar se os resultados de Piabas se mostram próximos ou distantes dos demais resultados. Nossa expectativa é que se mostrem distantes, uma vez que se trata de uma amostra de analfabetos, numa comunidade com índice de analfabetismo (30.6%) muito superior à média brasileira (12.8%).

4.1 O objeto direto de 1ª e 2ª pessoas

Tendo por objetivo comparar os nossos resultados com os outros estudos, de modo a avaliar nossas hipóteses, vamos inicialmente comparar nossos resultados de 1ª e 2ª pessoas aos de localidades de outra região, a Região Sul, cujas populações são não só numericamente muito superiores como também exibem índices de analfabetismo muito inferiores aos de Piabas. Dalto (2002) investigou a realização do objeto direto de 1ª e 2ª pessoas em Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, identificando duas variantes: “*presença do objeto*”, que inclui clíticos e pronomes lexicais, e “*objeto nulo*”.

A tabela 24 registra a comparação entre os resultados de 1ª pessoa de Piabas, Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre e a tabela 25 os resultados de 2ª pessoa.

	Curitiba		Florianópolis		Porto Alegre		Piabas	
Variantes	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
Presença do objeto	146/162	90	255/295	86	137/159	86	65/77	84
Objeto nulo	16/162	10	40/295	14	22/159	14	12/77	16
Total	162	100	295	100	159	100	77	100

Tabela 24 - Distribuição do objeto direto de 1ª pessoa em **amostras de língua falada (%)**

Comparando os resultados de Piabas com os das três capitais do Sul, percebem-se que, em relação à 1ª pessoa, os percentuais são muito semelhantes para presença do objeto. Essa semelhança foi uma surpresa. Esperava-se que os percentuais das duas variantes na amostra de Piabas fossem muito diferentes dos encontrados no Sul do Brasil, visto que as taxas de analfabetismo são muito diferentes, respectivamente, Caém/BA (onde se localiza Piabas) (30.6%), Florianópolis (3.3%), Porto Alegre (3.3%) e Curitiba (3.1%). Vejamos agora a tabela 25.

	Porto Alegre		Curitiba		Florianópolis		Piabas	
Variantes	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
Presença do objeto	19/19	100	34/38	89	25/29	86	12/15	80
Objeto nulo	00/00	0	4/38	11	04/29	14	03/15	20
Total	19	100	38	100	29	100	15	100

Tabela 25 - Distribuição do objeto direto de 2ª pessoa em **amostras de língua falada (%)**

No que se refere à 2ª pessoa, percebe-se alguma diferença. Entre os resultados de Piabas e os de Florianópolis há 6%, mas entre os de Piabas e Porto Alegre há 20%. Essa diferença parece poder ser atribuída não à força da escolarização, mas sim a um traço dialetal, pois mesmo entre Florianópolis e Porto Alegre há 14% de diferença.

4.2 Os anafóricos de 3ª pessoa

Conforme já verificamos no capítulo 3, na amostra de Piabas o objeto nulo revelou-se a variante mais produtiva. Esse resultado é semelhante ao que foi verificado em pesquisas realizadas a partir de *corpora* de fala de diversas localidades do Brasil.

A seguir, apresenta-se uma tabela com o resumo dos resultados do conjunto total de amostras¹⁶. A ordem de apresentação dos resultados das variedades dialetais na tabela obedece, em ordem decrescente, aos percentuais de realização do objeto nulo. Os índices de analfabetismo desses municípios são: Mata Grande (sertão de Alagoas) 46.9%, Planalto (Sudoeste da Bahia – onde se localiza o Povoado de Cinzento) 36.4%, Caém (onde Piabas está localizada) 30.6%, Nova Viçosa (extremo sul da Bahia – onde se localiza o Povoado de Helvécia) 25.1%, Rio de Contas (Chapada Diamantina) 24%, Valença (Região do Recôncavo Baiano- onde se localiza o Distrito de Sapé) 21.6%, Salvador 6.2%, São Paulo 4.6%. (Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE).

¹⁶ Não serão apresentados os resultados da pesquisa de Arruda (2006) sobre a realização do OD(SN) de 3ª pessoa porque autor apresenta os resultados levando em consideração sete variantes: objeto nulo, clítico, pronome lexical, demonstrativo, SN pleno, SN com determinante modificado e SN com determinante totalmente modificado (cf. seção 1.1.5, capítulo 1).

	Cinzeno Helvécia Rio Contas e Sapé¹⁷ (2004)		Piabas¹⁸ (2010)		São Paulo¹⁹ (1986)		Salvador²⁰ (2007)		Mata Grande²¹ (2004)	
Variante	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
Objeto nulo	1267/1755	72	389/573	68	1235/1974	62,6	286/487	59	20/50	40
SNs	275/1755	16	140/573	24	338/1974	17,1	168/487	34,4	15/50	30
Pron. Lexical	213/1755	12	44/573	8	304/1974	15,4	12/487	2,4	10/50	20
Clítico	-- ²²		-- ²³		97/1974	4,9	21/487	4,2	05/50	10

Tabela 26 - Distribuição das variantes de objeto direto de 3ª pessoa em variedades do PB falado.

4.2.1 O pronome lexical

Nossa expectativa era a de que o pronome lexical fosse a mais forte concorrente ao objeto nulo, visto que essa é a variante tida como preferida pelos analfabetos ou pouco escolarizados. Mas nossos resultados apontam o pronome pleno (8%) como a terceira variante numa escala de preferências. Esse resultado corrobora as conclusões de Cyrino (1994) e Oliveira (2005, p. 230) de que é o SN que atualmente concorre com o objeto nulo.

¹⁷ Cf. Silva (2004) em relação à fala de informantes analfabetos.

¹⁸ Em relação à fala de informantes analfabetos e semi-analfabetos.

¹⁹ Cf. Duarte (1986) em relação ao corpus de fala da cidade de São Paulo com três níveis de escolarização: Fundamental, Médio e Superior.

²⁰ Cf. Neiva (2007) em relação à fala de informantes de Nível Superior.

²¹ Cf. Mendonça (2004) em relação a uma amostra de Mata Grande (AL) com três níveis de escolarização: Fundamental, Médio e Superior.

²² A variante clítico acusativo de 3ª pessoa não foi encontrada nas amostras.

²³ A variante clítico acusativo de 3ª pessoa não foi encontrada na amostra.

Novamente aqui se vê que a hipótese construída com base na escolarização, que fazia supor que o pronome pleno concorresse mais de perto com o objeto nulo, não foi confirmada pelos resultados.

4.2.2 A variante SN

Observando-se a tabela 26, verifica-se que a variante SN é a maior concorrente do objeto nulo em todas as amostras. O SN saiu vitorioso na disputa com o clítico e o pronome lexical. É importante ressaltar que o percentual de SNs na amostra de Piabas (24%) é quase semelhante ao registrado na amostra de Mata Grande/AL (30%). Esse percentual de aplicação do SN em Piabas é inferior apenas ao observado na amostra de Salvador (34%), em uma amostra composta por informantes de nível superior.

4.2.3 O clítico

É exatamente onde o índice de analfabetismo é maior, a porcentagem de clíticos é superior (Mata Grande, 10%). Essa constatação era inesperada pode ser uma decorrência de não refinamento da amostra, que reúne diferentes níveis de escolarização. Por isso, vamos comparar apenas os dados de informantes de analfabetos ou semi-analfabetos.

Comparando os percentuais do clítico no nível superior, chegamos aos seguintes resultados: 17% em Mata Grande; 6,4% em São Paulo. Embora os resultados não sejam muitos, fica difícil manter que a escolarização seria o fator responsável para

ocorrência de clíticos na fala dos brasileiros. Essa generalização fica ainda mais enfraquecida quando se leva em conta os clíticos de 1ª e 2ª pessoas. Entretanto, pode ser que os resultados estejam sendo obscurecidos por outro fator: o traço animacidade. Conforme mostram vários estudos, o traço [+animado] favorece o preenchimento da posição de objeto. Diante disso, devemos considerar, agora, apenas os anafóricos com o traço [+animado], o que vai ser apresentado na seção 4.4.

4.3 As variantes em posição objeto e o traço animacidade

Nesta seção vamos retomar a tabela 19 e atualizá-la de modo a apresentar apenas os anafóricos com o traço [+animado].

Na tabela 27 encontram-se os resultados de cada variante, considerando apenas as ocorrências cujo antecedente é marcado [+animado] na amostra de Piabas.

Traço semântico	Objeto nulo		SNs		Pronome lexical	
	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
[+animado]	141/221	64	40/221	18	40/221	18

Tabela 27 - Distribuição das variantes de 3ª pessoa em relação ao traço semântico [+animado] do objeto em Piabas (%)

Embora tenha mantido o objeto nulo com percentual superior ao das demais (64%) variantes, os SNs e o pronome lexical apresentam percentuais semelhantes (18%). É possível verificar-se quando levamos em consideração o traço mais [+animado] que o pronome lexical foi a variante que mostrou um aumento significativo

no percentual de ocorrência, em comparação com o resultado global das variantes, competindo com os SNs.

A tabela abaixo reúne os objetos anafóricos com o traço [+animado] em três corpora. Os resultados de São Paulo (cf. Duarte, 1986, p. 28) foram adaptados, calculando-se os percentuais de cada variante em relação ao total de ocorrências que apresentaram traço [+animado].

Variantes	Piabas (2010)		São Paulo (1986)		Mata Grande (2004)	
	Nº./Total	%	Nº./Total	%	Nº./Total	%
Objeto nulo	141/221	64	293/749	39	04/24	17
Pronome Lexical	40/221	18	281/749	38	10/24	42
SNs	40/221	18	99/749	13	05/24	21
Clítico	--	--	76/749	10	05/24	21

Tabela 28 - Distribuição das variantes de objeto direto 3ª pessoa na fala de informantes analfabetos e de ensino fundamental segundo o traço [+animado] do antecedente

Comparando-se os resultados apresentados na tabela, verifica-se que o traço [+animado] do antecedente favorece o pronome lexical nas amostras de Mata Grande, cujo percentual (42%) é muito superior ao do objeto nulo e, na amostra de São Paulo, (38%), competindo com o objeto nulo.

O resultado do objeto nulo na amostra de Piabas surpreende-nos, pois o traço [+animado] do antecedente revelou-se favorecedor quando o esperado era que fosse desfavorecedor, uma vez que diversos estudos revelaram que o traço [-animado] do antecedente é que favorece essa variante. O favorecimento do objeto nulo pelo traço

[+animado] foi verificado por Arruda (2006) na amostra do português culto de São Paulo com (65%).

O percentual de clíticos sofre um aumento significativo nas amostras de Mata Grande e São Paulo: compete com SNs na amostra de São Paulo e em Mata Grande chega a competir com o objeto nulo.

Esse resultado parece revelar um rearranjo no sistema: isso significa que pronomes plenos, SNs e clíticos se realizam quando retomam antecedentes com o traço [+ animado]. Isso encontra evidência no fato de o uso de clíticos serem mais freqüentes na 1ª e 2ª pessoas do que na 3ª pessoa.

CONCLUSÃO

O estudo aqui apresentado teve por objetivo realizar uma análise variacionista das estratégias de realização do objeto direto anafórico nas três pessoas gramaticais em uma amostra de fala da comunidade rural de Piabas. Buscou-se também comparar os resultados encontrados em Piabas com os resultados de estudos realizados a partir de *corpora* de fala de outras regiões do Brasil. Pretendeu-se observar a correlação entre os índices de analfabetismo da comunidade e a preferência por variantes.

Para alcançar os objetivos propostos, partiu-se da hipótese de que os clíticos acusativos se acham ausentes da fala de analfabetos e que o pronome lexical seria a variante preferida, depois do objeto nulo.

Ao final da pesquisa, em relação à realização do objeto direto de 1ª e 2ª pessoas, verificou-se que o clítico acusativo foi a variante mais produtiva. Constatou-se que, para expressar a 1ª pessoa do singular, o falante de Piabas emprega mais o clítico *me*, enquanto que para a 1ª pessoa do plural a expressão ‘*a gente*’ mostrou-se mais produtiva. Observou-se que, na realização do objeto direto de 2ª pessoa do singular, ocorre forte competição entre os clíticos *te* e *lhe* (com predominância do *lhe*) e o pronome lexical *você*.

A realização do objeto direto de 1ª pessoa mostrou-se semelhante ao das três capitais do Sul, Florianópolis (86%), Curitiba (90%) e Porto Alegre (86%) e Piabas (85%). Em relação ao objeto direto de 2ª pessoa, houve diferenças. Entre Piabas e Florianópolis, um percentual de 6%, mas entre Piabas e Porto Alegre verificou-se uma diferença de 20%. Com isso, crê-se que essa diferença pode ser atribuída não à força da escolarização, mas sim a um traço dialetal, pois mesmo entre Florianópolis e Porto Alegre há 14% de diferença e, entre Curitiba e Porto Alegre (11%).

Em relação ao objeto direto anafórico de 3ª pessoa, verificou-se que a variante clítico acusativo esteve ausente, como era de se esperar em se tratando de uma amostra de analfabetos e semi-analfabetos. O SN (24%) configurou-se como a segunda opção para realização do objeto direto em Piabas, após o objeto nulo (68%) e, o pronome lexical (8%) foi a última variante na preferência dos falantes.

Verificou-se que o percentual do pronome lexical (8%) em Piabas é inferior ao registrado em outros estudos baseados em corpora de fala do PB. Conclui-se a partir desse resultado que o uso do pronome nominativo no lugar do clítico acusativo de 3ª pessoa não é característica da fala de analfabetos e semi-analfabetos.

Em relação ao fator faixa etária do informante, verificou-se um perfil de mudança em curso, uma vez que a variante objeto nulo foi mais produtiva na Faixa I (20-30 anos), com percentual de (78%), um processo semelhante ao documentado em resultados de pesquisas de outras localidades.

Quanto à comparação dos resultados do objeto direto de 3ª pessoa, verificou-se que a variante SN é a maior concorrente do objeto nulo, superando o pronome lexical. O percentual de SNs na amostra de Piabas (24%) é semelhante ao registrado nas amostras de Brasília (28%) e Mata Grande/AL (30%) e é inferior apenas aos observados nas amostras do Rio de Janeiro (1998), (41%), Florianópolis (36%) e Salvador (34%).

Acreditava-se que o pronome lexical fosse o mais forte concorrente do objeto nulo, visto que essa é a variante tida como preferida pelos analfabetos ou pouco escolarizados. Porém, nossas expectativas não foram confirmadas, uma vez que os resultados apontam o pronome pleno como a terceira variante numa escala de preferências. Esse resultado corrobora as conclusões de Cyrino (1994) e Oliveira (2005, p. 230) de que é o SN que atualmente concorre com o objeto nulo. Diante disso, conclui-se que a hipótese construída com base na escolarização, que fazia supor que o

pronome pleno concorresse mais de perto com o objeto nulo, não foi confirmada pelos resultados.

REFERÊNCIAS

A fundação Oficial de Cahen. Disponível em: <<http://www.caem.ba.gov.br/cidade.php>>. Acesso em 01 dezembro 2009.

ALMEIDA, Norma L Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de O. Novais (orgs.) (2008) Coleção amostras da língua falada no semi-árido baiano. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.

ARRUDA, Niquelme C. (2006) A realização do objeto direto no português brasileiro culto falado: um estudo sincrônico. Dissertação de Mestrado. Araraquara, Universidade Estadual Paulista.

AVERBUG, Mayra C. Guimarães (2008) Aquisição em português brasileiro: o parâmetro do sujeito nulo. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____ (1998) Objeto direto anafórico: variação na produção oral e escrita e influência do ensino. Estudos da linguagem: atualidade & paradoxos; Anais do VII Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro: ASSEL-RIO, p. 680-687.

BECHARA, Evanildo (2000) *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna.

Caém. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/caem.pdf>>. Acesso em 03 de agosto de 2008.

CYRINO, Sônia M. Lazzarini (2003) Para a história do português brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. Letras de Hoje 38 (1), p. 31-47.

_____ (1996) “Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos” In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary (orgs.). *Português Brasileiro – uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP.

_____ (1994) O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. Tese de Doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas.

DALTO, Cristiane D. Lima (2002) Estudo sociolinguístico dos pronomes-objeto de primeira e segunda pessoas nas três capitais do Sul do Brasil. Dissertação de Mestrado, Curitiba, Universidade Federal do Paraná.

Diagnóstico do Município de Caém. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/bahia/relatorios/CAEM030.pdf>>. Acesso em 03 de agosto 2008.

DUARTE, Maria Eugênia L. (1986) Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FREIRE, Gilson C. (2000). Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____ (2005) A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ.

GALVES, Charlotte M. C. (2001) *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp.

GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana (2007) *Sociolinguística quantitativa - instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

IBGE. Censo Demográfico 2000 – Resultados do universo. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/ufs.php?tipo=310/tabela13_1.shtm>. Acesso em 17 de fevereiro de 2010.

LABOV, William (2008) *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial.

_____ (2001) *Principles of linguistics change: social factors*. Massachusetts: Blackwell.

_____ (1994) *Principles of linguistics change: internal factors*. Massachusetts: Blackwell.

_____ (1982) Building on empirical foundations. In. LEMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

LIGHTFOOT, David (1979). *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.

LUÍZE, Terezinha B (1997) Entre o PE e o PB: o falar açoriano de Florianópolis. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.

MALVAR, Elisabete da S. (1992) A realização do objeto direto de 3ª. pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil. Dissertação de Mestrado, Brasília, Universidade de Brasília.

MENDONÇA, Valdenice de A. (2004) O objeto direto anafórico na fala matagrandense e paulistana: um estudo comparativo. Dissertação de Mestrado. Maceió, Universidade Federal de Alagoas.

MENON, Odete P. da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. (2002) Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educat - Editora da Universidade Católica de Pelotas, p. 147-188.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) (2007) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed. São Paulo: Contexto.

MONTEIRO, José Lemos (1994) *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC.

NEIVA, Nordélia C. (2007) Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador: o clítico em desuso. Dissertação de Mestrado. Salvador, Universidade Federal da Bahia.

OLIVEIRA, Marilza de (2005) A natureza do SN e do “clítico” acusativo de 3ª. pessoa no processo de aprendizagem do PB. *Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 229-234.

_____ (2004) A aprendizagem formal do relativo cujo e clítico acusativo de terceira pessoa. In: III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, São Paulo. São Paulo: Humanitas, 2004. p. 32-33.

_____ (2003) Ensino de língua portuguesa: os clíticos acusativos. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril013.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro 2009.

OLIVEIRA, Solange Mendes. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

OMENA, Nelize Pires de (1978) Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa. Dissertação de Mestrado. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

PEREIRA, Maria das Graças D. (1981) A variação na colocação dos pronomes átonos no português do Brasil. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RAMOS, Conceição de Maria de A. (1999) O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular. Tese de Doutorado. Maceió, Universidade Federal de Alagoas.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S. A. (2001) GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows. Heslington: University of York.

SILVA, Maria Cristina V. de F. (2004) O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro. Dissertação de Mestrado. Salvador, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William. & HERZOG, Marvin. (2006) *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.

APÊNDICE A – Ocorrências de objeto direto de 1ª e 2ª pessoa levantadas na amostra de Piabas

INF 1 - MASCULINO - 28 ANOS - TERCEIRA SÉRIE

1. O pessoal sempre **me** procura a mim pras coisa de... de... aqui
2. Eu trabalho pra **me** manter e ajudar um pouco o pessoal nessa região
3. não quero nem tomar conta dela, nem quero **me** envolver com ela
4. num **me** leve po hospital, num é seu M
5. se ele chegar eu vou pra Pedras Alta e levo **vocês**
6. Se ele não chegar, eu levo **vocês**, quando ele chegar eu pego o carro

INF 2 - FEMININO – 30 ANOS – ANALFABETA

7. quem tem pai ainda tem o quê, e ajuda [] tomem
8. teno avô... daí ajudam [], ói
9. Disse que ia levar pa **me** ajudar
10. Essa daí tomém, daqui uns dia tá grande, já **me** ajuda
11. ela só dizeno que era p'eu ir, que era p'eu ir, e aí nada dela vim **me** buscar
12. **me** arrumei, fiquei até nove hora sem tomar café esperano por ela
13. Eu digo: sofri tanto pa me ligar ôche, é ruim dele num **me** ligar
14. Mais tarde vão **me** ajudar, né
15. As mosca vai **te** lamber, oh
16. Maih meu irmão veio **me** procurar na rodoviária
17. E fiquei com medo, maih eles num deixa **a gente** não

INF 3 - MASCULINO – 28 ANOS – ANALFABETO

18. político tem uma mania... mania desgraçada de só enxergar **a gente**
19. Começa brigano por causa de candidato, por causa de... Deus **me** livre
20. Aí tamém quando eu vi que ele ia **mim** matar
21. **Me** rabava com foice tamém pa mim cortar o pescoço
22. Quande eu fui a premeira vez ele **me** recebeu
23. Quando eu fui na segunda vez ele me, **me** rabou
24. disse que ia **me** matar
25. tirar minha vida, **me** cortar. Tudo isso eu já fiz

INF 4 – FEMININO – 28 ANOS – QUARTA SÉRIE

26. porque o município é muito grande, pa ele sozinho dar conta e ajudar []
27. porque as condição que não... não [] ajuda
28. a gente qu' é fazer alguma coisa assim na igreja, as menina acha que a gente num tem condições vem **nos** ajudar
29. O pessoal já **lhe** deixa sozinha
30. deixa **eu** vê outa coisa, escorpião, aranha também se tiver é nojenta.

INF 5 - MASCULINO – 53 ANOS – ANALFABETO

31. Que chama candrandão, isso aí já **me** ofendeu já
32. e sempre eles alembra de mim, eles **me** ajuda
33. Então, eles tudo **me** ajuda
34. oh meus pais num botaru **a gente** pa estudar não
35. então o meu é ficar quieto, deixar **vocês** seguir o caminho

INF 6 - FEMININO – 40 ANOS – ANALFABETA

36. Arrumou lá casa pra... pra... pa **me** levar, pa lá com... com... com os fio
37. É mai graças a Deus por aqui nunca mordeu **a gente** não
38. num chegou a ofender **a gente** não
39. eles me dá uma besterinha, e num vai deixar [] com fome

40. ele já, ele já... ele já arrumou casa pa levar []
 INF 8 - FEMININO – 60 ANOS – ANALFABETA
41. o povo ia e dizia e chamava []: vamo ir oiari
 42. Que mãe criou **eu** de um jeito
 43. Acabou o refoço de roça. Agora, nunca **me** empatou eu
 44. eu capinar, nunca **me** empatou
 45. Eu cortar com machado, nunca **me** empatou eu cortar com foice, nunca
 46. E agora mehmo, nunca **me** empatou em nada
 47. Nunca **me** empatou, meus parto
 48. com gosto eu **te** tiro
 49. já não se morreu porque Deus num quis, porque Deus... Deus levanta []
 50. Na hora que viu [] disse assim: óh vó, aqui passou um carro
 51. Hoje tão pegano, se vê **você** estupa
 52. se ver **eu**... Até o propi eu que daqui por diante, eu vou com medo.
 53. Eu sei lá se... que é que fazer com meu fio, se quer **me** matar
 54. brinquedo de boneca... prah menina, carrinho pra vocês, chama **vocês**
 55. vocês vão pra ele dá, ele joga [] dento do carro
 INF 9 - MASCULINO - 79 ANOS – ANALFABETO
56. Paga! E eles vão levar [] de graça
 57. Mas num acho uma que me aga... agade que **me** aga... agade, não
 58. Tenho medo de pegar uma certa mulé e **me** roubar
 59. Ele nunca **me** largou
 60. meu pai trouxe pr'aquí **nós** tudo e de lá, mas tem gente aqui
 61. e parecemo muito com a velha que **me** criou
 62. Cê viu **eu** aí
 INF 10 - FEMININO – 74 ANOS – ANALFABETA
63. Outros, nós tamo aí deitado, a morte pica lo purrete, leva
 64. chega um diabo aí vem fazer... vem **nos** matar aqui
 65. mas se não vou **me** entregar ao inimigo com fé em Deus
 66. Êh! “F. tu vai trabalhar”. “Ah, ele não **me** quer não
 67. qu'eu **me** chamo F
 68. ele não **me** quer. Eu digo é bom, bom
 69. nós **nos** vemo pressiguído e num acha jeito
 70. Quem **nos** livre? Só Deus mehmo
 71. Quem **me** batizou acho que foi o padre J., um J. que andava aí
 72. Porque a hente largano um demônio que tá matratano **a gente**
 73. Quande eu chegaha lá qu'eu **me** via presa
 74. Um menino que num bolia com be... se ele **lhe** visse
 75. ele **lhe** abraçava como eu
 76. Disse que vinha **me** buscar, tirou a roupa
 77. aí cunde subi dele vinha me bu ... disse que vinha **me** buscar
 78. Eu disse: eu vou querer esse diabo pr'eu **me** infernar
 79. Sou, um louco do... do... do Caem **me** aposentou
 80. eu vou **lhe** levar em Santo pa ocê tomar uns banho
 81. a hente tem que deitar senão ela leva []
 82. por uma hora qu'eu esqueço de deitar e ela **me** leva
 INF 11 - MASCULINO – 73 ANOS – ANALFABETO
83. com pouco evem uto, “hei minha Nossa Senhora, cascaível mordeu []
 84. êh por Nossa Senhora num **me** mate meu pai
 85. num **me** mate por Nossa Senhora. Aí quano deu fé era uma vaca

86. Oh, meu pai, **me** sorte por Nossa Senhora, era o saco dele mehmo, né
 87. Não fica não, mas se pegar []
 88. o véi **te** agarra
 89. todo lugar que a senhora percurar, todo mundo **me** conhece
- INF 12 - FEMININO – 70 ANOS - ANALFABETA
90. E fraca que num posso **me** alimentar
 91. A pretinha aqui, quis **me** levar pa Jacobina
 92. Dói, dia essa dozinha some, **me** ataca

APÊNDICE B - Ocorrências de objeto direto anafórico de 3ª pessoa levantadas na amostra de Piabas

INF 1 - MASCULINO - 28 ANOS - TERCEIRA SÉRIE

1. o feijão que o pessoal plantou []
2. Teve um que veio aí com mais uma condições, fez [] aí
3. matava esse boi, vendia um pouco aqui, vendia [] no Gonçalo
4. amarrada na garupa de uma... de um cavalo pra vender []
5. ninguém comia **carne** aqui nessa região não.
6. desse bode eles comia o espinhaço dele, tirava []
7. botava [] no fogo
8. ficava uma semana todinha aí olhano []
9. num [] comia não
10. o gado gordo é pra tá mais pouco, mas logo vizinho aí na barraca a hente pega []
11. Esses menino daqui desse Caem do...desse município aqui (...) foi tudo ela que pegou []
12. se alguém disser que tem, é mentira porque ninguém nunca [] viu
13. Eu aqui, eu compro terra, fazendas, eu vendo []
14. tão precisano d'umas... d'um jogo de camisa, eu tou arrumando []
15. primeiro plano que a gente quer dizer (...) Que a gente quer fazer []
16. não é nem que a gente quer dizer []
17. quer fazer [] logo, quer tomar conta do... do... do poder aqui
18. eu tenho de primeiro é... é... é colocar água, puxar **água** daí da barragem
19. Nem almoço em casa num pode dizer que não [] aprontou
20. Nós temos que encanar []
21. a água tá pertinho aí, nós encana **a água** pra cá
22. bota **água** nas casas, uma coisa, né
23. Tem até condições de comprar **uma máquina**
24. num [] compra
25. porque não tem como usar [] aqui
26. Quando morria um boi, ia lá pegava o couro, tirava [] do boi
27. porque morria aí de doenças, tirava **o couro** para fazer cama
28. Eu ainda dormi muito em couro de boi, tirava **o couro** de boi
29. vi uma roça de feijão aí. Lá em A., mehmo, vá lá pro senhor vê **a roça**
30. Não [] vejo usano quase não
31. uns tijolo que vou colocar [] hoje.
32. Não... dá pra ir buscar [] também
33. Dá... dá pra fazer tudo isso aí. Dá pra levar []
34. e buscar [].
35. só tem a caravan véa do menino que tá aí. Eu vou pegar [] n'estante
36. pra levar []
37. Tem que ajudar [], né?
38. Se não [] ajudar , o povo num quer dá ajuda
39. Porque eu, sempre eu gasto [] do meu.
40. Fico sem tudinho em casa porque eu não pego **dinheiro** de ninguém
41. meu prefeito vai primeiro...vou arrochar **ele** de todo jeito
42. mas tem... mas tem que colocar **água** aqui

43. puxar **essa água** da barragem pra essas casa
 44. qu'eu quero [] aqui
 45. num tem bem conhecimento com as coisas, se num tiver uma pessoal pa orientar []
 46. e levar **ela** no lugar
 47. Num quer que leve [] po hospital de jeito nenhum
 48. num [] levar por quê
 49. nós tamos precisando de professora, pegano **as professoras** de outos municípios
 50. como nós teve que pegar [] agora em Pedras Altas
 51. e num tem médico pra consultar e passar **o remédio** po pessoal
- INF 2 - FEMININO – 30 ANOS – ANALFABETA
52. A gente só bebe água conde vem de lá da barragem e põe [] nessa cisterna
 53. A mais véia tá com dez ano, ele levou [] pra São Paulo
 54. Ah, já morreu. Quem formou **o lugar** já morreram
 55. Sozinho... ele morou aí atrás, aí ele desmanchou []
 56. matano passarinho, vê se acha, que aqui num acha **passarim**
 57. Só [] escuto, que num tem televisão
 58. cobra aqui sumiu com essa seca, é difícil a gente vê **uma cobra**
 59. Já teve um bando, mas agora a hente num [] vê não, sumiu
 60. essas cobrinha miudinha besta, nem jararaca assim, ninguém [] viu
 61. ali no beço da água tem caçote p'elas comer. Aqui elas num [] acha
 62. Taha levano [] pra onde
 63. Bota **ele** de junto da porta. Dá colo
 64. Tão atrás pa ver se acha, mah num [] acha
 65. Conde mata [], come
 66. Eles lava []
 67. eles trata [] ... hum, os menino tudo
 68. É, ele mora sozinho, veve atrás de uma muié, mah ninguém [] quer não
 69. Gente pobe só arruma fio. Casa nova, só pa arrumar **fio**
 70. quis levar minha menina, eu deixei ... Disse que ia levar []
 71. Aí eu deixei **ela** ir.
 72. pa fazer assim um arroz e passar a vassoura na casa e lavar uma louça, aí eu deixei **ela** ir
 73. Né, né. É... é... eu num [] deixava com outa pessoa
 74. Mah, meu irmão eu deixo [] ir
 75. E menino homem não. A gente sai, deixa [] em casa
 76. Pega os pedacim e bota [] na boca dele
 77. Queba **os pedacim** miudinho
 78. Tomara que ele vá engoli! Tira [] meu fio! Tu é besta é
 79. e dá [] pra ele
 80. pa fazer tudo, prantar, plantar tomate que as muié pranta []
 81. Aí a gente num acha quem compre o quartinho pa derrubar []
 82. vamo derrubar [] em quarquer hora
 83. e fazer [] lá
 84. que a hente num tem dinheiro pa recomprar [], né
 85. É porque se quisere comprar []
 86. só quer comprar [] de graça
 87. e a gente vai dermanchar []
 88. Lá tem piaba pa hente pegar []
 89. arruma linha, pega peixe, pega [] de anzol, de lito, copo

90. Trazia cada cestão assim, de milho, assim pa vender [] na rua da Piaba
 91. E aí eu ia pra lá, e ele ia fazer []
 92. Eu ia fazeno faxina, assim, nas casa... ganhar pa fazer **faxina**
 93. vai fazer um rancho no... no... no lugar e passar [] em meu nome
 94. Óh tua mão, óh. Vá lavar **tua mão**
 95. Aí Deus ajudou que operou []
 96. Tu num leva esse menino pra lá (...). Eu tinha medo de eu levar []
 97. Aí eu lavava com barbatenã, jurema, um bocado de remédio do mato pa desinfetar []
 98. pa carregar [], pa ir po médico
 99. quanto mais ele tomava injeção, paliava aqueles dia (...) maih num [] sarava
 100. era uma coisa vivo e aí Deus ajudou que... que [] operou
 101. E aí eu levei [] lá po hospital regional
 102. e aí me apeguei com V. e aí operou []
 103. E tiraro pa levar [] pa Juazeiro
 104. pa examinar []
 105. Não, não, num [] peguei não
 106. eu num dou pra ele nada, nada porque é tão novo... pa num [] repeti
 107. Eu vou é meter minha cara. Achei **essa ligação** de graça.
 108. Senti enjôo, senti **enjôo**, uma dor assim na boca do estômago
 109. e aí eu deixei []
 110. e aí deixava [] com a menina tomano banhe
 111. e juntava aquela água com casca de pau pa desaflemar []
 112. e aí parece que aflemava [] inda mais
 113. caminhano com ele no colo pa levar [] de lá da Rua da Bananeira
 114. Vá buscar [] meu fio
 115. Mais tarde que eu vou fazer **a perina**
 116. Pa levar [] de pé
 117. O povo prantou [] mó desse sereninho, num adiantou cuidar não.
 118. Ele vai botar uma areia do sobrinho dele... carrega [] lá pa cima
 119. Os menino falaro que a professora vai buscar [] amanhã
 120. É... vai buscar [] ainda
 121. Inda tão matano **passarinho**
 122. E os meus, num quero deixar [] que nem eu tomém, sem saber ler
 123. Passei nuns lugar. Num [] conheço não
 124. Carderão... nem as Braúna que é ali eu num [] conheço
 125. Eu deixei [] mais o pai... deixei mais o pai
- INF 3 - MASCULINO – 28 ANOS – ANALFABETO
126. e boi não, agora jegue se enterrar **jegue** é sete ano de seca
 127. O cara, morreu o jegue, o cara foi e enterrou []
 128. aí foi que fôro correno pa lá poque se deixar [] enterrada mehmo é sete ano de seca
 129. Morria o bicho lá, pa lá, o arubu comia []
 130. o cachorro comia []
 131. que se morrer o bicho num dá ao animal pa comer []
 132. é pa ser queimado e enterrar []
 133. aí morreu uma vaca. Aí o fio dela fez: ói é pa enterrar... é pa enterrar []
 134. Eu digo num [] enterra
 135. num [] enterra de jeito nenhum.
 136. Por que num é pa enterrar []

137. Eu digo poque num [] enterra
 138. Um cachorro tá com fome, vem e come []
 139. E você enterra [], a hente num sabe nem o que é que vai acontecer
 140. Eu digo que se ia enterrar []
 141. eu digo num [] enterra
 142. Se você enterrar [], você vai acabar com essa sua fazenda
 143. Ah então eu vou queimar []
 144. Eu digo não, queimar [] aí agora eu num lhe digo nada
 145. Pro meu prazer nem queimar, num [] queimava
 146. Mas [] enterraru, foi ino, foi ino aquela terra foi apodreceno
 147. Aí os cachorros deru fé e cavaru, aí acabou descobrino []
 148. os candidato arruma logo um bocado de carro de som e bota [] na... na rua
 149. Aí num deu certo, eu larguei, [] fui embora po sertão
 150. Conde, conde é tempo de leite, tira **leite**
 151. Conde num tem leite pa... pa tirar [], vai dar ração pa argum bicho
 152. Cobra tamém já acabou (...) e a coisa do mah difíci do mundo a pessoa vê **uma cobra**
 153. os meu parente mehmo que eu quase que nem [] conheço
 154. O cara roça a mata braba, mete la foice, roça []
 155. Aí despois, quando seca, a hente vai botar [] fogo
 156. quande chove a pessoa planta [].
 157. com dois ano, aí agora, a pessoa rança []
 158. Bora na casa de farinha. Pessoa... ah muié rapa []
 159. aí passa no motor, aí da... do motor vorta, bota [] na prensa
 160. enxuga [], aí vorta.
 161. É, aí agora, eu... vai tirano dali botano [] junto de...
 162. e guardano, peneirano []
 163. é pa arrancar []
 164. e levar [] pa casa de farinha
 165. Na hora de prantar [], o homem vai cavar
 166. e quando acontece elas vai com a moringa só semeando []
 167. e a hente vorta enterrano [], né
 168. Quande é pa rançar [] é o mehmo
 169. pa rançar [] no sol quente retado
 170. Aí quande arranca []
 171. pega, bota [] em riba de uma carroça, ou de um carro o que for
 172. vai levar [] na casa de farinha.
 173. Mehmo processo, aí já é ah muié que faz []
 174. ah muié tira, espreme []
 175. põe **a tapioca** numa vazia
 176. Bota [] pa secar mais um pouco
 177. Se comer [] embebeda
 178. Poque a mandioca ói, o aipinho, você arranca [], cozinha
 179. E já a mandioca, se a pessoa cozinhar [] pa comer embebeda
 180. Se comer [] crua, embebeda a mehma coisa
 181. A mandioca é tão d'um jeito que na casa de farinha nada pode tocar []
 182. traga um quilo de açúcar aí ligeiro, aí ele trouxe **o quilo de açúcar**
 183. peguei um bocado de cinza dali da boca do forno, devolvi [] dend'água
 184. bota [] numa vazia de água,
 185. lavar quela areia, **escorre a água**

186. e pode dar [] po bicho beber
187. Eles compra o álcool despeja [] dento a garapa da cana, ta a cachaça
188. Fazia aí pa vender [] aí vizinha
189. É, agora essas aí mehmo é de seu J., ele tira [] aí
190. pra levar [] pa Quixabeira
191. esse terreno aqui (...) aí mim falou que se ele num vender **o terreno**
192. qu'eu posso bota **minha roça** aí tamém
193. Eu vou pa deixar **a familia** aí
194. caiu no prefeito do Caem, ali que num ficou um nome, chamou [] de fio d'uma égua
195. Até uma menina, mãe taha com quinze dia de que tinha ganhado **uma menina**.
196. Largou [] mais pai
197. A outa que taha com quinze dia de nascida, ele trouxe [] aqui pa Piaba
198. Aí minha mãe num guentou, veio buscar []
199. e levou []. Essa ela acabou de criar.
200. a premeira mulher dele era dali de... de...Ele largou **ela** assim de filho.
201. Encheu [] de filho
202. e largou []
203. Aí foi casou com minha mãe, tornou encher [] de filho
204. tornou largar [].
205. a cachaça máih triste que tem no mundo. Enchia [] cheínha assim,
206. eu viraha [] na boca
207. Po lado mal, né? É tudo já levano **a pessoa** po lado mal
- INF 4 – FEMININO – 28 ANOS – QUARTA SÉRIE
208. nunca tive a curiosidade de perguntar po meu pai, né? Porque que colocaru **esse nome** de Piabas
209. Que a gente já tentou mudar [] e tudo e continuou
210. ninguém quis trocar [], né? o pessoal prefere ser Piabas mehmo
211. aí vai procurar primeiro os pai de família, porque não tem como empregar **os jovens**
212. vai procurar primeiro **os pai de família**
213. tão sobreviveno com palmito (...) Lá já quase num tem, eles comem []
214. E o licuri também por falta da chuva e pessoal derrubando [] pa comer
215. a gente culpa muito a administração. E a gente culpa [] mesmo
216. a médica tá no posto de saúde (...) vem a ambulância d'um lugar vai buscar []
217. se precisar de levar alguém doente assim, ele levar []
218. Porque eu ainda queria fazer a ligação das trompas. Aí eu já [] fiz
219. Se vem aqui dá... dá assim um recado, eles num [] dão
220. esse ano a gente fez [] né. E...e as comemorações são assim
221. a gente faz uma festinha, como um dia fez []
222. São João é também, a gente faz e comemora também **o São João**
223. tem procissão... e a gente temos um cruzeiro bem lá diante, aí a gente faz **a procissão**
224. Leva Santo Antonio, durante o dia. Quando é a tardizinha a gente vai buscar []
225. Eu num [] conheço não
226. É primeira segunda-feira de agosto e a última. Eles chamam [] de Deus e água
227. É aqui que o pessoal comemora []
228. eu fui peguei folha de alecrim, folha de barba de bode (...) fiz um chá e tomei []
229. Aí eu melhorei, melhorei bastante, tomei [] com *aas* e melhorei
230. Escorpião, pelo menos aqui em casa é difícil a gente vê []

231. Acho que desde que mudei pa'qui acho que nunca vi **um escorpião**
 232. e tem a diretora também que comanda []
 233. Porque fica muito difícil pa ir pra lá, o carro tinha que vim buscar []
 234. tinha que vim trazer [], né?
 235. vai vim àgua tratada. (...) Nós num tamu quereno **essa água** pro ano dois mil
 236. Quando tá chovendo, eu pego [], mas agora que não tá chovendo, né
 237. sobre o palmito também, aí na região o pessoal tá comendo **palmito**
 238. Se não tiver coragem de abandoná a família, abandoná que eu digo é...deixar []
 239. Deixaru o filho dela (...) e ela foi obrigada a deixar **ele** pra poder tentar sobreviver
 240. Deixou [] com a sogra dela, com a gente, com todo mundo
 241. porque a gente tano aqui tá veno []
 242. eles estão vino buscar **ele**, né, e tornam voltar
 243. Já [] levei, já levei, tem o que...
 244. em cinco anos que eles tão aqui eu num [] levei mais, certo
 245. Duas vez, porque eu fui com ele, deixei **eles**
 246. agora quando eu for a próxima vez, eu nem levo **ela**,
 247. deixo **ela** aí vou ficar só uns dois meses e volto
 248. A... acha sim. Em casa de família você acha [], né?
 249. mas é também é um obstáculo pra mim num [] tirar, pra saí,
 250. porque pra mim tirar **eles** pra ir pra lá
 251. ainda tem muita gente aqui nessa situação, os pais é quem ajuda []
 252. aí quando foi essa semana aí eu lembrei, e peguei []
- INF 5 - MASCULINO – 53 ANOS – ANALFABETO
253. E aí nós aremo as terra, prantemo e limpemo [], mah num deu nada
 254. Pra gado comer []
 255. Então a gente tira [] pra fora pra alugar a roça
 256. e comprar madeira muito longe daqui...pa fazer [], aí num pode
 257. Ah, tá com muitos ano isso, que a gente vem prantano [] e perdeno
 258. Aqui tem uma base, assim, de cinco ano que a gente vem prantano [] e perdeno
 259. É cinco ano que a gente vem prantano [] e perdeno
 260. E aqueles que ainda vai fazer terra pa pranta [] aí
 261. Num tem com quem deixar []
 262. tem que deixar [] com os avós mehmo
 263. os tempo era bom, e aí a gente prantava e num [] perdia
 264. Mas de certos anos pra cá a gente vem só prantano [] e perdeno.
 265. mah de certos ano pra cá a gente viveu só prantano [] e perdeno
 266. Vendia [] por depóso aí
 267. Aposentaru **eles** lá em São Paulo
 268. É, peixe eles vão pegar, né? Quem tem armardia de pegar, pega []
 269. É dos peixinho, muita gente é mais é quem tem armadia boa pa pegar **eles**
 270. Tem muito remédios bons que a pessoa faz [] e num tem nada
 271. Pode já mode hoje e fazer **remédio** hoje e já trabalhar hoje mehmo
 272. Uma bicha do chão ofendeu []
 273. a vez ofende no...no pé, pode amarrar [] aqui, oh
 274. carosene, botava **o carosene** naquele lugar ali óh, dava aquela
 275. Na...aqui, não... aqui não. Não [] comemora não
 276. Puxar **água** pa rua
 277. botar [] p'as casas
 278. É, puxei **a luz**, o rapaz me deu, que fica na casa dele

279. e aí eu comprei os fio e puxei []
 280. Se vem as conta dele (...) aí a gente divide [] pa todos eles
 281. Agora cada quem paga aquela posentagem pra ele e ele paga [] em Jacobina
 282. Mas aí a gente quando vem, a gente divide [] pa todos eles aí
 283. aí mandou **uma televisão** pra mim
 284. e sobrinhos, que eu criei **eles**
 285. Num sei o que é um reá, pa receber **um real** aqui
 286. Só esse dinheiro dela que eu vou buscar [].
 287. Tem que comprar [] pa aventurar
 288. É que nem a roça, tem que prantar [] pa aventurar
 289. Muito grande não, quarquer motor dá pa puxar **água**
 290. prantar capinho pa... comprar gado, criar **gado**
 291. pa levar os papel. Depois andou até pr'um... levou [] em Jesus da Lapa
 292. O fiscal veio e já [] levou,
 293. os tético veio também já levou **os papel** dos terreno
 294. vai receber o terreno que ele num tem com que pagar []
 295. Botava [] pa atirar aí, e saiu gente corrido, uns perdido
 296. só camiava de noite, porque se saísse de dia, aí os pistoleiro matava []
 297. num arruma o dinheiro, num vende pa arrumar **o dinheiro**
 298. eles botava a balança aí no mêi da rua, pra comprar []

INF 6 - FEMININO – 40 ANOS – ANALFABETA

299. Criano [] como Deus quer
 300. Eu estudei **o abc** e do abc passei... passei pa cartilha
 301. agora p'ô escrever [] assim, qu'eu num acerto
 302. É um... um prédio. Fizeru **um prédio** aí
 303. um mato que tem no mato cuma diz... aí o povo chama [] pau de rato
 304. O tostão qu'ele arruma tem que vim trazer []
 305. E principalmente quem tem uns bichim desse num pode deixar []
 306. É o marido, tem que... que le... levar [] quando vai
 307. o pessoal de lá... o pessoal de lá, Ave Maria, traz **ele** nas parma da mão
 308. diz que passano esse negócio da... da política, eles num bota **água**.
 309. Num senhora, eu nunca [] vi... só vejo o povo falano
 310. Só rancano **os pezinho** que tem e a maniba secano
 311. os pezinho que tinha de raiz já [] arrancou
 312. E agora não tem chuva pa prantar []
 313. Ele agora tem que comprar [] pa comer
 314. porque farinha aqui dento, os pezinho que tinha já [] rancou
 315. Nessa barragem daqui da beira do rio, só panha, a gente só panha []
 316. Não senhora, eles faz... eles faz trazer []

INF 7 – MASCULINO – 52 ANOS – ANALFABETO

317. Feijão de corda, nós tem plantado o restinho dessa vida. Mei de ano já perdeu []
 318. só mesmo dentro d'gua é nada, né? Mas não vai molhar [] com um caneco
 319. Aí só com motor pra jogar [], num é
 320. A vaca, boi no tempo bom foi comprada de quatrocentos reais, hoje até vendendo [] por cento e cinqüenta
 321. uma moita de paia é melhor do que ter um bicho pra dá de comer, tem que derrubar []
 322. nem essa que chama rolinha, povo fala, num [] acha mais
 323. A gente plantava feijão quando era um tempo desse ia esperar [] na roça
 324. Tinha que botar unh negócio pra sombrar **ele**, pra ele num vim

325. se não, **o feijão** ele comia todinho
326. a pesca de uns tempo pra cá... Mas se vai de anzó não tem. Vai de linha, não [] pega
327. vai de caixa, não [] pega
328. Às vez os pessoal... às vez pega [] porque tem a linha lá mui no meio
329. Isso aí é pessoa que vai de lito, já furam **o lito**
330. vai pescar []. Isso ai é só pra... num dá nem pra comer
331. Quase num tenho tempo, num tempo qu'eu botei umah linha qu'eu botei []
332. robaru []
333. Ah, já [] matei dento de casa aqui
334. Tá meio... que é doente, agora mehmo tou ino levano **ele** pra Jacobina
335. É. Tou c'umas quato veze que levo **ele**
336. E aí eu tenho condiçõe de todo finá de oito, levo **ele** lá
337. depois, quand'ela vem eu vou e trago []
338. Agora vem pra fazer um exame de urina. Tem que levar **ele** no dia dois
339. a mulher tomém que foi fazer uns exame lá... Diz que foi fazer um... **um....**
exame
340. Lá mesmo. Eu levei **ele**, ele tava mei doentado, né
341. Levei **ele** lá, ela fez uns exame lá
342. ficou depois lá oito dias, tornou maicar, depoih levou []
343. tornou levar [], passou maih dez dias.
344. Vai tomar remédio...tomar remédio pra matar **esse verme**
345. Aí eu vou ter que levar **ela** tomém pra dia dois pra ver lá como é
346. pra dia dois pra ver lá como é qu'eu vou fazer **esse exame**
347. Só esse, só [] faz pago e é caro
348. É tem que levar [] lá vou ter que ver lá com'é que eu faço, né
349. Dizer que só poderia fazer [] pelo estado se internasse a pessoa
350. pra mandar [] pra Salvador
351. Lá talvez [] fazia de graça, né
352. Mas pra fazer [] aí,
353. aqui só [] faz pago
354. Foi esse rapaizinho que colocou []... que saiu aí
355. Ele, acho que fez a madeira e coloca [] dento
356. Tinha uma igreja véia, derrubar []
357. fizeram outra, tornar a derrubar [], agora fizeram aquela.
358. Daí, quando um pau e enfınca **ele** dento da fogueira, ali a gente põe tudo
359. Quando queimar vai... vai entrar tudo pra pegar []
360. Na rua já [] fizeram várias vezes
361. botava o pau de sebo... quebra- pote e aí de noite, era que queimava **a fogueira**
362. Acabou, aqui num faih **festa** maih não
363. Conhece []
364. Conhece **M.L**
365. Pois, quando eu conheci **São Paulo** naquela época era igual Salvador
366. E Salvador tem, conheço **Salvador** muito tomem
367. Eu mehmo como dizia, quando não tiver mais um objeto pra vender []
- INF 8 - FEMININO – 60 ANOS – ANALFABETA
368. Você vê que nós cria os filho... eu crio **os filho**...
369. criei **meus filho**, já num foi criado como eu criei...
370. criava **os filho** de um jeito, de outro jeito
371. Já esses neto já num é criado como eu criei **meus filho**, já é mais diferente

372. Eu criei **meus filhos** já num foi, oh, já não foi como, oh
373. Também foi quase do jeitinho que criei o... **os meu** mehmo
374. Quer dizer que eu... foi quase um ritmo meu que eu criei []
375. Então só vimo **ele**...
376. eu só vi **ele** no dia do casamento de novo.
377. porque se um... um pedir em casamento uma filha minha, eu tenho que vê **ele**
toda hora
378. e o dia que ele quiser vim, eu tenho que aceitar **ele** todo dia
379. a cobra ofendeu [] e ele morreu
380. O bicho, a cobra mordeu []
381. Tava trabaiano na roça, capinano []
382. A cobra foi lá e pegou []. Quando soube tinha morri... mordido
383. Com três dia que o bichinho morreu, que a cobra mordeu []
384. e pra vim vim buscar [] pra fazer o parto daquela pessoa
385. Num deixei **um filho** sem num dá... sem dá mama
386. Eu num vou querer **esse remédio** não, também num fui maih
387. Deixa pra quando procurar **o médico** quando arriar de uma vez sozinha
388. Ou oiado, ou quebranto, ou ramo de mio, botaru [] com gosto
389. A cabeça esquenta, deixo [] pra lá uma hora,
390. depoih torno voltar, torno pegar []
391. É, pra não arrumar **namorado**
392. só pegava até a quarta, na quinta já ia pa, mah eu num podia botar []
393. perdeu mandioca, mandioca é curta. A gente tá plantano []
394. quem ainda ara a terra inda tem umas coisa. Quem pranta assim sem arar [],
morre é é tudo.
395. essa caridade que esse governo fez esse... uma caridade que ele fez [].
396. até a água... As fia bota aqui acolá, boto [] num carro.
397. Agora ainda... ou senão vai buscar [] no rio
398. Daqui... aqui é légua e meia, pra ir buscar []
399. se quiser ir buscar []
400. se quiser beber [],
401. ou senão [] compra
402. como você ver nós panha água bem longe, mas quem botou [] foi ele
403. Nenhum de nós bota **água** no mundo não.
404. Apois ninguém [] botou.
405. O lugar que nós acha **água**, hoje nós tá achano que Deus deixou
406. Poque embaixo tem água. Mah foi Deus que deixou **aquela água**.
407. Na hora que nós vimo [], nós corrimo, saímo... calumbi
408. e vai tirar o figo de vocês lá diante e joga [] dentro do mato
409. Mulher, se a gente num [] cria assim numa... na época de hoje
410. E quando os fios nã... não reclama o fio, não [] bota pra trabaiao,
411. que uma mãe vê um fio robado... robano e o povo pegar [] qu' é morrer
412. pegar [] e bater nele e fazer o que quiser
413. Dos malandro apanhá garrafa que tirar **a garrafa** no rosto da muié
414. que foi botar [] num sei aonde
415. com a garrafa... estuparu [] com uma garrafa
416. quando acabar que acharu que tava poco, panharu **as garrafas**
417. fez bem o que quis com a pobrezinha, cabou tirou a roupa, arrastou [] pra
dentro do mato
418. amarrou **a mulher** com a mehma roupa

419. e a espingarda do... do marido, de... deixou **ela** amarrada lá
420. aí foi controu o cara, aí correu mah num... num [] arcançou
421. quando acabar ainda panharu, tiraru, deixaru [] nua
422. e marrado a roupa, com a mehma ropa, ele marrou **a mulher**
423. todo mundo, era todo mundo... todo mundo conhecia []
424. De vê da gente dar o conselho e a gente não [] pegar
425. a pessoa vai pegar **o conselho**
426. nós deve, todas nós deve pegar **o conselho**
427. Que se uma pessoa me dê um conselho e (...) eu vou tomar **aquele conselho**
428. E num tomar **o conselho**
429. porque ninguém vai ver uma coisa dessa e num espancar []
430. Porque o homem que mata outro pra to... tomar **o dinheiro**
- INF 9 - MASCULINO - 79 ANOS – ANALFABETO
431. Mulé, tenho achado muito, mas nem [] quero
432. Não, num [] quero não, quero não
433. Eu faço []. Vou descascano
434. Já vou vou chamar []
435. num houve remédio. Gastei e cacei **remédio**
436. até dentro de São Paulo e num [] achei
437. Tenho achado mulé véa posentada mas num [] quero, tenho medo
438. Tem uma casinha aí q'ele tá em trato de comprar []
439. que num se aguenta mais alugar **casa**
440. Mas, ele aluga **casa** pra ali seja pra aonde for
441. Eu venho ajudano **ele**. Tem dia qu'ele come aqui
442. Quano a menina tá aqui, ele é muito respeitador, quano vê **a menina** aqui, não vem,
443. um puxa [] dali
444. um puxa [] d'acolá
445. bota água, bota lenha, quano o menino num [] bota
446. Aí robaru o motor. Me robaru **o motor** da casa de farinha
447. motor des'tamaí ói e panharu e robaru **o motor**.
448. Mas quem robou **o motor** já tá... já tá... tá debaixo desse oi
449. E não foi eu não, foi os outo que mataru **ele**
450. sabe onde veio mor... sabe onde fôru matar **ele**?
451. Por mim ele tava vivo. Entreguei [] a Jesu Cristo
452. Gado, eu nunca ... xou ver, eu tive **gado** quando era sorteiro
453. Premeiro, nós levava galinha. Matava duas galinha, fritava []
454. e agora botava [] na mochila
455. botava os animá pa comer ...Quando era no ôрто dia, ia pegar **os animar**
456. panhava um bornar de mio, botava [] na boca dos animá
457. os animá comia [], enquanto nós tomava o café
458. Tá sem porta. Tirou **as porta**
459. Quando cabou, chegou, tirou **as porta** e fôru embora pa São Paulo.
460. Mas, ele diz que vai botar **porta**
461. e foi comer uma melencia que nós achemo [] dento da mandioca
462. Eu digo: mãe num come **essa melencia**
463. a senhora vai comer **essa melencia**, essa melencia lhe faz má
464. Eu como **a melencia**, não bebo água
465. Não quero **água** não
466. Comeu **a melencia**

467. eu comi **a melencia** mais ela, eu não tive nada
468. Eu ia tanger **priquito**, era o serviço qu'eu fazia
469. era tanger **priquito**, no ano de quinze
470. Pegava uma lata...dessas que carrega gás. Eu chegava, panhava **lata**
471. furei **a lata**, no fundo da lata, botei um pedacinho de pau
472. quando acabei, botei [] na boca da lata
473. quando acabava, botava **a lata** dentro da e agora saía bateno
INF 10 - FEMININO – 74 ANOS – ANALFABETA
474. se o dono nunca tiver chegado, eu a... só entregar **a casa** dele
475. tou lutano, cabano de pagar o alugué, é pagano [] e ajeitano tudo
476. ninguém nunca viu uma seca dessa! Eu nasci, me criei, nunca [] vi
477. Vão pa São Paulo, num acha canto, vão po sul, não acha **canto**
478. vai pra aqui, vai pra culá, não acha **canto**
479. quande Deus detreminar a gente arruma outro, põe [] no lugar
480. porque dá p'um canto, não acha jeito, vai pra outo, num [] acha
481. mataru uma muié, pa bem dizer. Dize que mataru **a muié**
482. doeu, que só pãiano a muié, só pãiano [] pra levar po... po hosprítá
483. pa ver se acha um jeito, panharu [], num sei nem se chegou lá
484. O outro oi d'água e esse é fogo pa queimar [], diz que os pecado
485. E disse que pa queimar uns sete parmo pa queimar **esses pecado**
486. ele vem c'uma lança, pa... pa... fura os dois ói, deixa [] furada
487. ele leva [], passa, diz que campo o cavalão tá aí na porta
488. Fecha os óio! O povo larga, fecha **os óio**
489. quande abre [] tá dentro da cazona, aí diz: viche nossa!
490. diz que é uma porcona, disse quano dá cada ronco que chega estremece []
491. Ele que o... ficar o vi... o vier, até o dia que leva []
492. Ôxe! Parece, é só chamar []
493. Diz que só vai inriba do trato. Que dia nós faz o... **o trato**
494. Já vai pedino **o sangue**, quer pa ele passar a mão no espírito
495. F. até hoje tá'i. Disse: “você, eu não [] quero não, um folheiro F
496. ela caçar um homem, porque ela não caça **um homem**
497. Não sei quanto são de fio, e agora pegou **ela**, tá debuiano a vontade
498. tu... tu sorta **o diêro** luçu, eu toco a caristia em riba,
499. ele pessuia gado, os dinheiro dele ele vendia **gado**
500. Eu era tão besta que não sabia enfiar []
501. ôh mamãe enfia **a máquina** q'eu vou costurar
502. Casamento, não dou, eu não tou achano graça. Eu num ando ino assisti []
503. E no tempo do pade A. tinha o São Cristão. Eu arcansei []
504. Mah oh só eu digo: não! Eu tou, eu não vou esperar [] não
505. E digo: e posso aí eu sei que vou esperar []
506. Num [] vejo, ele não vem aqui, a muié dele vem
507. Eu num venho tia da ... Chamo **ela** tia, morreu
508. ninguém que morre eu num [] chamo finado
509. quem num fala na micê é eu poquê... eu largo [] comade
510. Comade D., larga esse mi...hum... eu vou larga [], vou pa São Pálo
511. Eu faço [] assim oh, dessa muié aí p'eu num tá quieta
512. Mando **ela** trazer paia
513. Eu mehmo sei tecer, mah num [] teço mah nunca mehmo
514. pa que diabo eu quero chapéu? ... Eu vendia []
515. que vinha uns bandido, e tratavam **ele** Q

516. e os dois entrou pa enganar **o besta**
517. Eu digo: só se P. casou e S. ocupou **ela** pra lá
518. Agora, picaro-lhe fogo, jogaro [] pa debaixo do chão
519. Xou levar o papé e deixar [] numa casa
520. Eu digo é: se o pai fosse vivo, ajudaha [] muito
521. Mundo véi matou **o pai**
522. Foi Deus, Deus que matou **ele**
523. Mas quem morre debaixo de tiro, num foi Deus que matou [] não
- INF 11 - MASCULINO – 73 ANOS – ANALFABETO
524. Fazeno a ferinha, quando fazia acabava, tornava fazer []
525. a parma acabou. Não era todo mundo que usava **a parma** aqui
526. A roça por agora tá pura porque já choveu tamo prantano [] agora
527. Meus fio (...) a gente apiava [] e mandava tudo morar em São Paulo
528. Ela tem nervoso, tem nervoso, ela num...Tenho lutado pa posentar []
529. é só um arame. (...) toda roça foi cercada assim, você bota [] aí num entra nada
530. Não [] cria. Só cria gado.
531. Raposa? Já, já tinha que matar []
532. se não a gente não criava **os cabrito**
533. Se achasse **ele** pa comer amanhã, viche Nossa Senhora
534. A caça do mato é mior do que a própi carne (...) a senhora come []
535. Quano passou outa hora, aí o cascaivel mordeu []
536. cê matou []
537. ou num [] matou
538. chegou tava... tava zangado, passou-lhe o cassete e matou []
539. Tava sossegado na feira, quano dava fé chegava, panhava carregava []
540. Quano é enchente mehmo d'aqui o senhor vê [] lá
541. Daqui o senhor vê **água**
542. Oh, minha Nossa Senhora! Derrubou []
543. Carregou **aquela ponte**.
544. E num deixava um borrego morrer. Jogava **um borrego** pro lado de cima
545. um tinha uma porca que sumiu, caçei **essa porca**, desapareceu na cheia
546. ajeitou os filhinho todo, ajeitou [] um pouquinho
547. Pego [] aqui
548. pego [] no Capim Grosso, Junco, Paraíso
549. Nunca ôei **uma televisão**
550. Se fosse em outro lugar eu ia escutar [], mas em Serrinha não
551. a gente quereno ver **piega** é só mandar tocar um violão
552. É só dizer que quer vê **uma piega** pra puxar um violão
- INF 12 - FEMININO – 70 ANOS - ANALFABETA
553. Já andei por o São Paulo, por tudo, nunca [] tirei
554. e tem uma neta tomém que foi eu que criei []
555. O pai morreu e eu criei **ela**, tá em São Paulo, tá com vinte ano lá
556. e a mandioquinha nova deu um fogo, secou, secou (...) é só é pegano []
557. e arribano []
558. e jogano [] pra lá.
559. Manaíba, ninguém [] acha pa plantar
560. É que a gente tira, ranca **a mandioca**
561. e tira aqueles pa... pra plantar [] de novo
562. É, o carro que tava botano []
563. É, pega **água** o B.

564. e bota [] nas casa, na cisterna
565. num teimo não, no dia qu'eu num guento eu pago, ah menina bota []
566. Tiraru **o sangue** aqui nesse braço aqui, que ficou preto
567. que fui... comprar mais uns remédo. Eu tive que comprar **os remedo**
568. quando tá doente que toma **os remédios** quer miorar não piorar
569. ele disse a mãe do corpo. O doutor chama [] mãe do corpo
570. era dessa tamainho ... eu vejo **ela** aqui aí espaia
571. Olha aqui ela... olha cá... aqui a senhora vê **ela** aqui
572. Assim num [] vê não
573. Bota a mão aqui, encarque bem aqui que vê **ela** melhor, perai

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)